CASA CLAUDIA

AGOSTO • 2026

VIAGEM
Um hotel com projeto de tirar o fôlego direto do Marrocos

Arquitetura e natureza em diálogo

Como a paisagem pode inspirar e orientar as construções

ENTREVISTA
Marko Brajovic fala sobre conceitos que aproximam projetos do ambiente natural

Habitar em conjunto

Qual é o oposto de natureza para você? Acredito que muitos (inclusive eu) pensariam instantaneamente na maior e mais "urbana" cidade do Brasil, São Paulo. Entretanto, há quem discorde. O arquiteto Marko Brajovic diz que se encantou pelo Brasil depois de conhecer a Amazônia e a capital paulistana. Especialista em Arquitetura Genética, ele diz ter encontrado, nas duas localidades a princípio antagônicas, espaços para imaginar outras possibilidades de relações entre pessoas e biomas. Em entrevista para esta edição da **Casa CLAUDIA**, ele nos convida a escutar quem chama de "designer de 3,8 bilhões de anos", a natureza.

Ao longo da revista, acompanhamos essa reflexão acerca dos diálogos entre esses dois ambientes: arquitetura e paisagem. Nossa matéria de capa reúne casas cujos projetos foram concebidos a partir do entorno, sejam construções que crescem ao redor de árvores ou jardins que replicam matas nativas.

No paisagismo, Alexandre Galhego e a dupla Arthur e Cleber Depieri, do escritório Depieri Paisagismo, explicam como os lagos artificiais criam pequenos ecossistemas repletos de vida e são uma alternativa às piscinas convencionais.

O Estúdio Maré, comandado por Lívia Leite, assina o projeto inédito, uma cobertura em Moema que demonstra que o orçamento não é um limitador quando a criatividade encontra os interiores. Nesse mesmo raciocínio, separamos tendências de papel de parede, uma alternativa descomplicada e bonita para mudar o lar sem gastar muito. ▷

Ines249

Na sequência, viajamos até o Marrocos para conhecer o deslumbrante Royal Mansour Marrakech. Para além da estética, suas acomodações mostram outras formas, além da nossa ocidental, de pensar a decoração.

A ideia central da nossa conversa é, como coloca Marko, entender que a arquitetura não é somente para as pessoas. É preciso pensar em todos os seres vivos: fauna e flora. Para habitar em conjunto, precisamos nos entender como parte, e não como todo.

Para finalizar, tenho a felicidade de compartilhar os créditos desta edição com duas mulheres que muito me inspiram: Helena Galante, nossa diretora de Núcleo e também apresentadora do podcast *Jornada da Calma*, assina a linda e sensível matéria de Viagem; e Sharon Abdalla, colega de jornalismo arquitetônico e meu apoio de edição aqui na revista, conduziu brilhantemente a entrevista com Marko.

Boa leitura!

Ana Harada
Redatora-chefe de casa.com.br

Ines249

EDITORA Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho
CEO: Mauricio Lima

CASACLAUDIA

Diretora de Núcleo Helena Galante
Texto Ana Harada, Sharon Abdalla , Julyana Oliveira e Marina Marques
Diretora de Arte Mariana Penteado Manini
Arte Dandara Araújo, Evellyn Tavares e Laís Brevilheri

---

claudia.abril.com.br/casa-claudia
Instagram: @revistacasaclaudia **X:** @revistacasaclaudia

VP DE PUBLISHING (CPO) Andrea Abelleira **DIRETOR DE TECNOLOGIA** Filipe Gomes
DIRETOR DE DISTRIBUIÇÃO E NOVOS NEGÓCIOS Erik Carvalho
DIRETOR DE PUBLICIDADE Ciro Hashimoto **DIRETOR DE ASSINATURAS** Alberto Pirro
DIRETOR DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL Marcelo Moreira
GERENTE EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Av. Alcides Sangirardi, 301,
Usina São Paulo – Espaço C, Cidade Jardim, São Paulo/SP, CEP 05672-015

ATENDIMENTO EXCLUSIVO PARA ASSINANTES
Autoatendimento: minhaabril.com.br
WhatsApp: (11) 3584-9200 **Telefones:** SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800-775-2112 – de segunda a sexta, das 9h às 17h30

GoRead

GRUPO Abril
www.grupoabril.com.br

CASACLAUDIA
AGOSTO • 2026
VIAGEM
Um hotel com projeto de Isay e Diego à direta de Marrocos
Arquitetura e natureza em diálogo
Como a paisagem pode inspirar e orientar as construções
ENTREVISTA
Marko Brajovic fala sobre conceitos que aproximam projetos do ambiente natural

CAPA
Projeto Gui Matos e Jundu Paisagismo
Foto: Fran Parente

Ines249

SUMÁRIO

6

CAPA
Casas que trazem a natureza como parte integrante do projeto

DECORAÇÃO
Cobertura transformada com mudanças pontuais e de baixo custo

24

ENTREVISTA
Marko Brajovic fala sobre sua trajetória, obras e visão da arquitetura

INSPIRAÇÃO
Tendências em papel de parede para ficar de olho em 2026

62

44

70

PAISAGISMO
Profissionais explicam a criação de lagos artificiais em projetos residenciais

82

VIAGEM
Por dentro do Hotel Royal Mansour Marrakech, criado pelo rei do Marrocos

Ines249

Projeto de Arkitito
Foto: Fran Parente

Ines249

CAPA

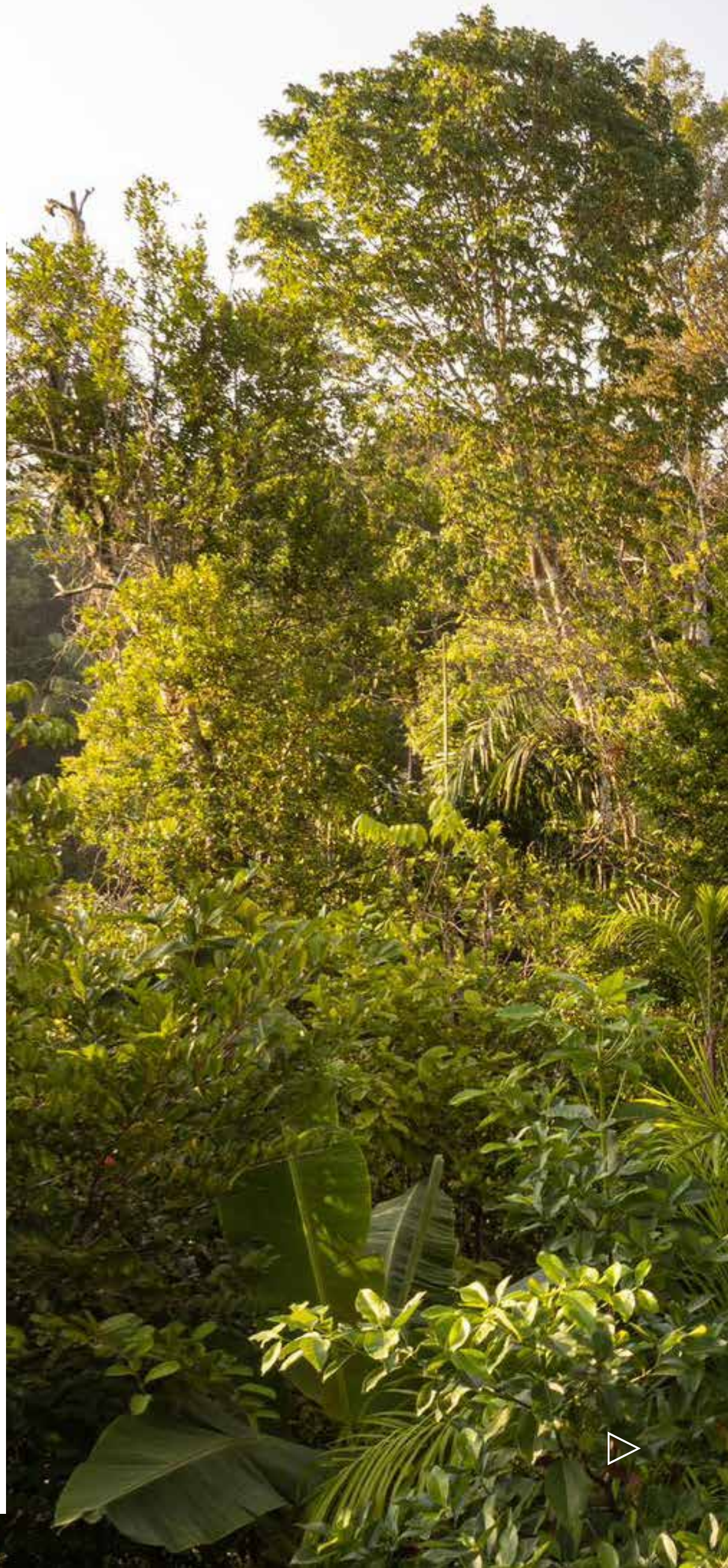
Casas e árvores: projetos que partem da paisagem

TEXTO REDAÇÃO CASA.COM.BR E ANA HARADA

A arquitetura não precisa se sobrepor ao terreno, ela pode integrar-se a ele. Veja casas nas quais a natureza é parte da construção

Ines249

Antes de qualquer arquitetura, existe um terreno. E muitas vezes esse local não é desobstruído ou completamente vazio. Plantas, pedras e outros elementos naturais formam a paisagem que antecede a construção. Não são todos os casos em que é possível preservar a paisagem na hora de erguer uma casa, mas quando essa arquitetura consegue se construir junto da natureza, projetos extraordinários surgem. Reunimos casas nas quais profissionais tiveram as árvores e o entorno como elemento constituinte do partido arquitetônico. Entenda como eles encaixaram a natureza na arquitetura, ou melhor, a arquitetura na natureza.



Ines249

Projeto de Laurent Troost
Foto: Joana França

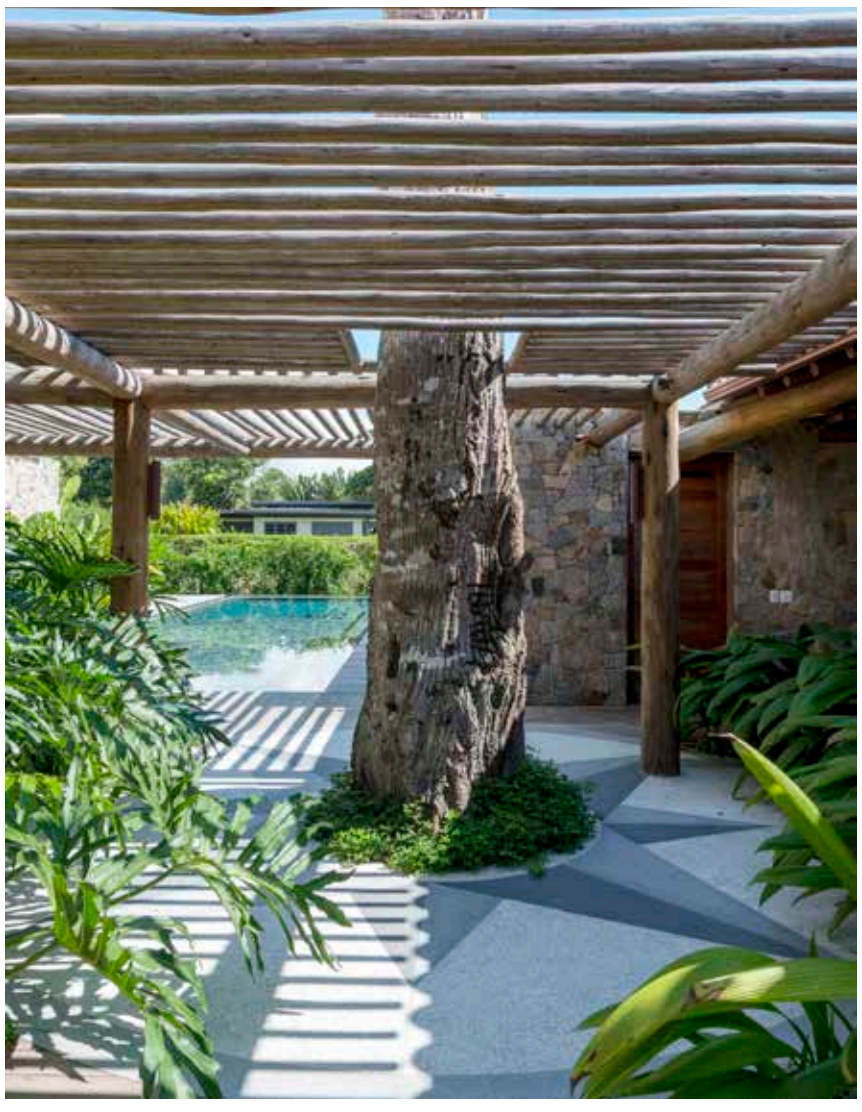
Ines249

PARAÍSOS PRAIANOS QUE ABRAÇAM A VEGETAÇÃO

Árvore entre as pérgolas

Em Trancoso, na Bahia, David Bastos ergueu uma casa de praia com estruturas em pau-roliço de eucalipto, telhas cerâmicas coloniais, forro tramado em palha de dendê, pisos em cimento queimado branco, decks em madeira Cumaru e muros em pedra Madeira, sistema construtivo que exalta técnicas e materiais da região.

"O ponto de partida foi a beleza natural do terreno. A combinação de elementos rústicos e contemporâneos cria o que há de mais precioso na casa, realçada pela vista exuberante, visível em diversos ambientes. Terreno e projeto se entrelaçam em uma simbiose única, conferindo ao local uma beleza singular e inigualável", explica o arquiteto.



Fotos: Tuca Reinés

Ines249

As árvores foram plenamente incorporadas nas varandas e passarelas. “Costumamos valorizar o paisagismo e os elementos naturais originais. Neste caso, a árvore, além de ter um porte maduro que não justificava sua remoção pelo impacto ambiental, foi respeitada e incorporada ao projeto. Criamos acessos e passarelas ao seu redor e, em sua base, construímos a rosa dos ventos com orientações reais, destacando sua importância e contexto”, comenta David.

Ines249

CAPA

Mangabeira como teto

Em outra praia do Sul da Bahia, a arquiteta Mari Grobério também olhava para as árvores para criar um projeto. A Casa Nuhatê fica em Caraíva, uma comunidade praiana próxima a Porto Seguro, no condomínio Outeiro das Brisas. O nome Nuhatê significa "força" na língua pataxó, povo originário ao qual pertence a moradora. A casa-pátio de aproximadamente 128 m² envolve duas árvores já presentes no terreno e outras menores.

Ines249

Fotos: Divulgação/Rafael Rocha/casa.com.br

Como a construção respeitou o ângulo de crescimento das plantas, no jardim central, a copa das árvores transforma-se na cobertura de quem fica na rede ou no balanço. "Quando vamos projetar em torno de uma planta, ela tem que ser respeitada desde a raiz até a copa. A árvore tem que funcionar no projeto e o projeto tem que funcionar para ela", explica a arquiteta. "O pé de mangaba foi a pedra fundamental da casa", afirma.

Ao redor do pátio se estende a residência, composta por duas suítes, cozinha, varanda e jardim com piscina. Persianas de madeira, janelas e uma porta de correr de vidro permitem o acesso e a integração do espaço externo aos demais ambientes.

Para a segunda suíte, a arquiteta criou um espaço bastante especial: ao redor da raiz da mangabeira fica o box do banheiro. Fechado por troncos, ele permite uma experiência de banho única, em plena conexão com a natureza.

Ines249

CONSTRUÇÕES QUE DESAPARECEM NA MATA

Paisagem que adentra

Este terreno de 1.800 m² cercado por vegetação exuberante, com uma imensa pedra natural de um lado e um riacho que cortava todo o lote nos fundos, encantou uma família que decidiu erguer ali sua nova casa.

Para a construção, os arquitetos Thiago Morsch e Michele Wilkinson, da Thimi Arquitetura, tiraram partido da leve declividade e projetaram uma casa térrea e compacta, mas com espaços generosos para receber amigos e aproveitar os momentos em família, como o casal de proprietários desejava.

Ines249

Fotos: Ricardo Roger

Mantendo o conceito de interior e exterior fluido, a transição entre os volumes social e íntimo é feita por uma árvore que já estava no local. Esse cuidado com o entorno e a natureza é constante em todo o projeto. A varanda posterior, por exemplo, conecta-se diretamente com um paredão verde e a imensa rocha, integrando o interior com a paisagem de forma poética.

Ines249

Continuação da floresta

A proposta desta casa era ser um refúgio na Mata Atlântica. A residência, assinada por Gui Mattos, abre-se para um jardim de 150m² concebido pela Jundu Paisagismo, escritório fundado por Airton dos Santos e especializado em integrar a arquitetura à paisagem natural de maneira orgânica e sensível. Por a casa estar implantada em uma Área de Proteção Ambiental (APA), o cuidado com o paisagismo teve de ser extremamente rigoroso.

"Criamos os espaços desejados pelos moradores através dos caminhos de circulação", comenta o arquiteto paisagista. As pedras também foram usadas para formar bancos e escadas, enquanto a cobertura do solo foi feita com areia branca, que reforça a drenagem natural e remete à paisagem praiana.

Ines249

Fotos: Fran Parente

A limpeza do terreno foi realizada com extremo cuidado para manter as espécies existentes e preparar o solo para a nova configuração. “O desafio era introduzir o projeto em uma APA, sem danificar o entorno e preservando as árvores nativas. A solução foi criar uma paisagem natural, preservar a permeabilidade do solo e valorizar as espécies nativas já existentes no local.”

O layout fluido permite que o paisagismo acompanhe o ritmo da casa e da mata. Para Airton, isso está no DNA do escritório: “Particularmente, esse é o nosso ecossistema favorito e campo de trabalho preferido.”

Ines249

REFÚGIOS NA “SELVA DE PEDRA”

Amazônia urbana

Em Manaus, também em uma área de proteção ambiental permanente, o escritório Laurent Troost Architectures assina a Casa Pupunha, uma construção cuja premissa é não somente a integração com o verde, mas também o aproveitamento dos recursos que a natureza oferece quando associada à arquitetura.

O nome faz referência à palmeira pupunha que ocupa o centro do lote, preservada durante toda a obra, e às outras plantadas ao redor da residência, que se tornam parte essencial do conceito paisagístico e arquitetônico.

Ines249

Fotos: Joana França

A solução estrutural partiu da criação de uma “casa-ponte”, apoiada sobre dois blocos laterais de concreto armado, que concentram as áreas molhadas e os usos técnicos da residência. Essa estratégia permite liberar totalmente o espaço central do pavimento térreo, criando um vão livre generoso, com integração total com o entorno e ventilação cruzada permanente.

O projeto priorizou técnicas de baixo impacto ambiental, evitando qualquer tipo de terraplenagem. A pupunha central atravessa a construção e foi complementada por outras espécies frutíferas e trepadeiras no paisagismo, além de um espelho d’água no jardim frontal que funciona como elemento de transição entre os espaços público e privado.

Ines249

CAPA

Bossa carioca clássica

No Rio de Janeiro, fica uma casa de estilo clássico erguida nos anos 1930, em Botafogo, com três andares distribuídos em cerca de 1.000 m².
As arquitetas Carolina Lerner, Gabriella Mello Alves e Sabina Kalaoun, do Studio LAK, foram as responsáveis por transformar o imóvel em um lar contemporâneo para uma família em crescimento.

Ines249

Fotos: Denilson Machado

A área gourmet, projetada do zero no jardim, materializa essa parte mais atual do conjunto e abraça, de forma escultural, a árvore do terreno. “Esse anexo foi pensado como uma inserção arquitetônica mesclada ao contexto da casa, com uma cobertura arredondada e pilares duplos em acabamento corten. Para preservar a árvore ali existente, chamada sol-da-bolívia, foi prevista uma abertura no teto, abraçando a base da copa”, revela Sabina.

Segundo Gabriella, a casa é “uma releitura brasileira do estilo europeu clássico: priorizamos linhas elegantes, paleta neutra e alta qualidade dos acabamentos. Foi um desafio grande fazer uma releitura estética dessa casa, sem abrir mão do caráter atemporal que gostamos de imprimir em nossos projetos”, finaliza.

Ines249

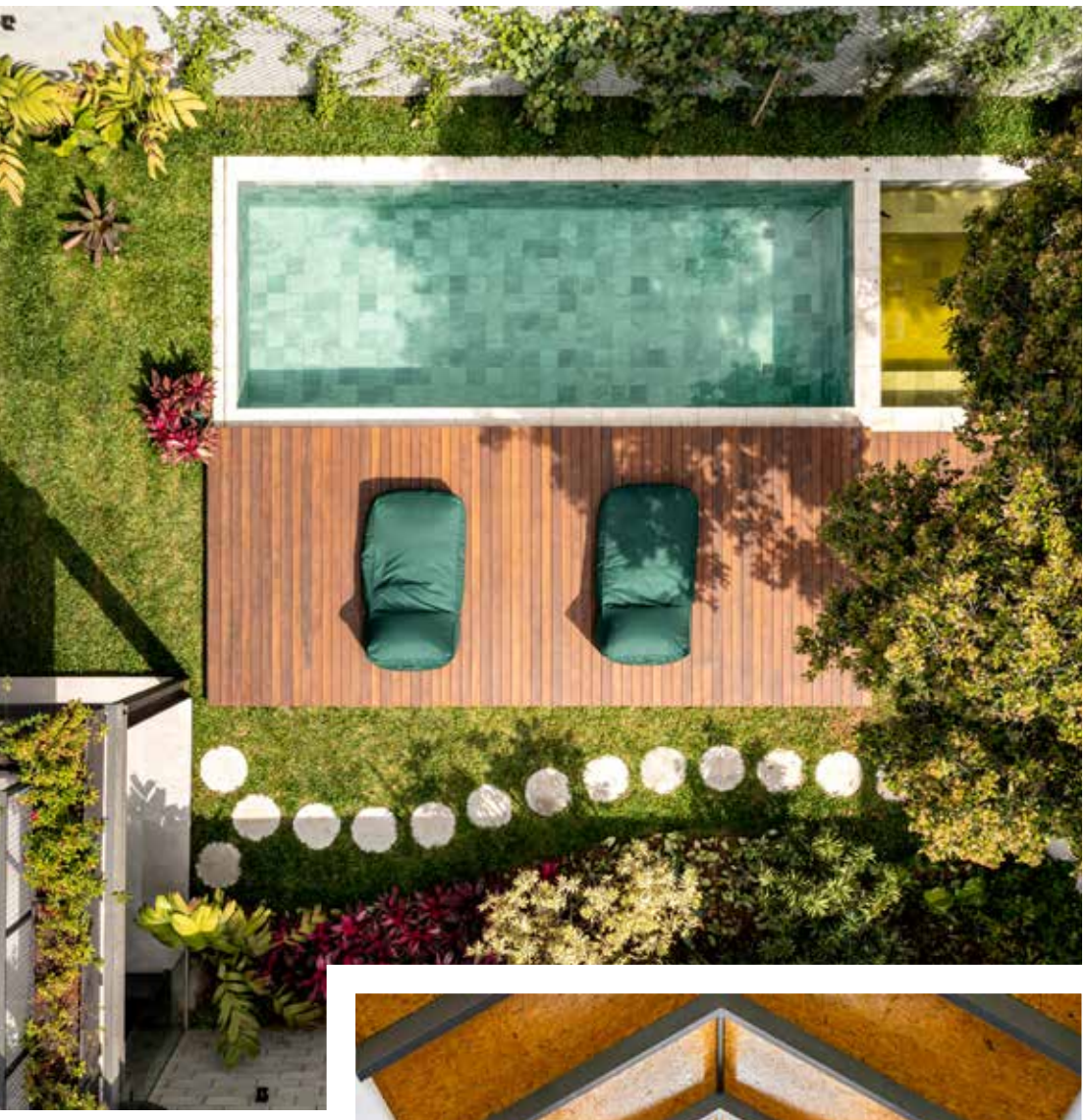
Jardim secreto paulista

São Paulo é, para muitos, a antítese da natureza, a selva de pedra. Entretanto, há quem consiga criar oásis em meio ao cinza. A casa assinada pelo escritório Arkitito não parece esconder nada de diferente do lado de fora, mas o formato do terreno, comprido e estreito, com 10 metros de largura por 52 metros de comprimento, direcionou o projeto para uma construção inusitada.

A implantação longitudinal tem uma estrutura principal, com pé-direito duplo e telhado em duas águas, e um volume limítrofe, concebido como uma dupla de caixas sobrepostas.

Fotos: Fran Parente

Ines249



A estrutura principal acomoda ambientes sociais no térreo e um espaço de trabalho no mezanino. O segundo volume abriga os espaços de serviço no térreo e os dormitórios no piso superior. Os ambientes são interconectados e abrem-se, por meio de folhas de vidro, para o jardim dos fundos, que tem churrasqueira, piscina e duas árvores nativas.

Internamente, uma das paredes da estrutura principal traz blocos de concreto aparentes, atendendo a um dos pedidos dos moradores. A outra tem uma faixa inferior revestida por painéis de madeira que mimetizam a generosa porta de correr de acesso à cozinha e ao home theater — que é conectado à varanda. O projeto é um encontro entre a urbanidade e a natureza, provando que elas não precisam ser excludentes, mesmo nas grandes cidades. C

Ines249

ENTREVISTA

A natureza como projeto

Radicado no Brasil há duas décadas, Marko Brajovic defende uma arquitetura guiada pela inteligência natural de 3,8 bilhões de anos e pelo diálogo entre tecnologia e saberes ancestrais

Foto: Victor Affaro; Divulgação

Ines249

A Casa Arca mimetiza a habitação indígena do povo Asurini, do Médio Xingu, e foi construída de cima para baixo (primeiro o teto, depois o restante).

Ines249

Antes de erguer uma construção ou criar uma instalação efêmera, o arquiteto croata Marko Brajovic faz uma pergunta provocativa: qual é a mensagem que queremos com cada projeto? Para o diretor criativo e fundador do Atelier Marko Brajovic, a resposta vai muito além da escala humana. Em suas criações, aves, polinizadores, vegetação nativa e o próprio bioma ganham o status de interlocutores ativos de uma arquitetura que precisa aprender a colaborar, e não a dominar.

Foto: Ana Andrade

Ines249

Detalhes da Casa Agüé, construída com fornecedores distantes até 50 Km, uma maneira de controlar a origem e a emissão de carbono no transporte dos materiais.

Radicado no Brasil há 20 anos, destino que escolheu após se apaixonar pela sinergia entre a Amazônia e a força urbana de São Paulo, Marko é pós-graduado em Arquitetura Genética e tem a natureza e o fazer artesanal como pilares de seus projetos. Nesta entrevista exclusiva para a **Casa CLAUDIA**, ele desconstrói o discurso raso da sustentabilidade quantitativa, analisa os desafios de transformar metrópoles em "cidades-floresta" e nos convida a repensar a nossa própria presença no planeta: "Nós não vamos para a natureza. Nós somos a natureza."

Ines249

Você nasceu na Croácia, estudou em Barcelona e escolheu o Brasil para viver há quase duas décadas. O que encontrou aqui que o fez optar pelo país para morar e desenvolver sua arquitetura?

Saí da Croácia jovem, estudei arquitetura em Veneza e fiz pós-graduação em Barcelona. Nesse período, morei durante um ano na Costa Rica, passei uma temporada no Japão e cheguei ao Brasil como professor, na Amazônia. Minhas primeiras vindas [para o Brasil] foram para a Amazônia. Numa delas, fui convidado para palestrar em São Paulo: na Escola da Cidade, na USP, no Mackenzie e no IED, em um período de 10 dias. Ao voltar para Barcelona, recebi um convite do IED para dirigir o departamento de Design de Interiores e de Design de Produtos por dois anos.

Foto: Rafael Medeiros

Ines249

Implantada entre as árvores, a Casa Macaco tem 5m x 6m, evitando interferências na vegetação nativa.

Esses 10 dias foram muito lindos, pois conheci a Amazônia, que era um templo para mim. Mas quando conheci São Paulo, entendi uma outra dimensão desta relação do ser humano com as cidades, com a natureza. Fiquei encantado e seduzido por poder trabalhar, criar e transformar a partir de uma visão do que acontece dentro da cidade, de uma cidade imersa na Mata Atlântica, como São Paulo. Assim, dois anos viraram 20.

O fato de eu ter criado raízes aqui decorre desta conexão profunda com a natureza brasileira em todos seus aspectos: a floresta, as pessoas e a criação dentro desse contexto. Eu me sentia revigorado criativamente, e isso era muito influenciado por todas essas dimensões naturais que encontrei aqui.

Ines249

Seu mestrado e doutorado são em Arquitetura Genética, um conceito que ainda desperta curiosidade. Como você explica essa abordagem para quem não é da área?

O mestrado em Arquitetura Genética, hoje chamado Arquitetura Biodigital, tem suas origens na Universidade Internacional de Catalunha, uma precursora de uma visão biológica dos processos de inspiração e metodologias criativas a partir da observação da inteligência da natureza.

Quando a gente fala Arquitetura Genética, não é sobre a genética em si. É sobre procurar, metaforicamente, o código genético das soluções tecnológicas da natureza, entendendo-a como uma designer com 3,8 bilhões de anos. [...] A biomimética estuda esses modelos biológicos, enquanto na Arquitetura Biodigital o [resultado] é a morfogênese: impermeabilidade, características termoacústicas e cores estruturais aplicadas aos processos projetuais.

Projeto de cooperação do Atelier para os Laboratórios Criativos da Floresta, dentro da iniciativa Amazônia 4.0, no Pará.

Ines249

No Atelier, nos inspiramos na natureza, emulamos essas soluções via softwares paramétricos e as aplicamos no processo construtivo. Esse é o percurso do processo criativo: inspiração na natureza, emulação digital e aplicação e construção, geralmente artesanal, não industrial. Temos que ir do digital para o artesanal, valorizar o [fazer] manual no Brasil e criar produtos únicos, assim como a natureza. Cada organismo é único, por isso, eu não estou interessado na reprodução industrial de produtos iguais.

Ines249

São esses conhecimentos que a natureza ensina e que a educação formal muitas vezes não consegue alcançar?

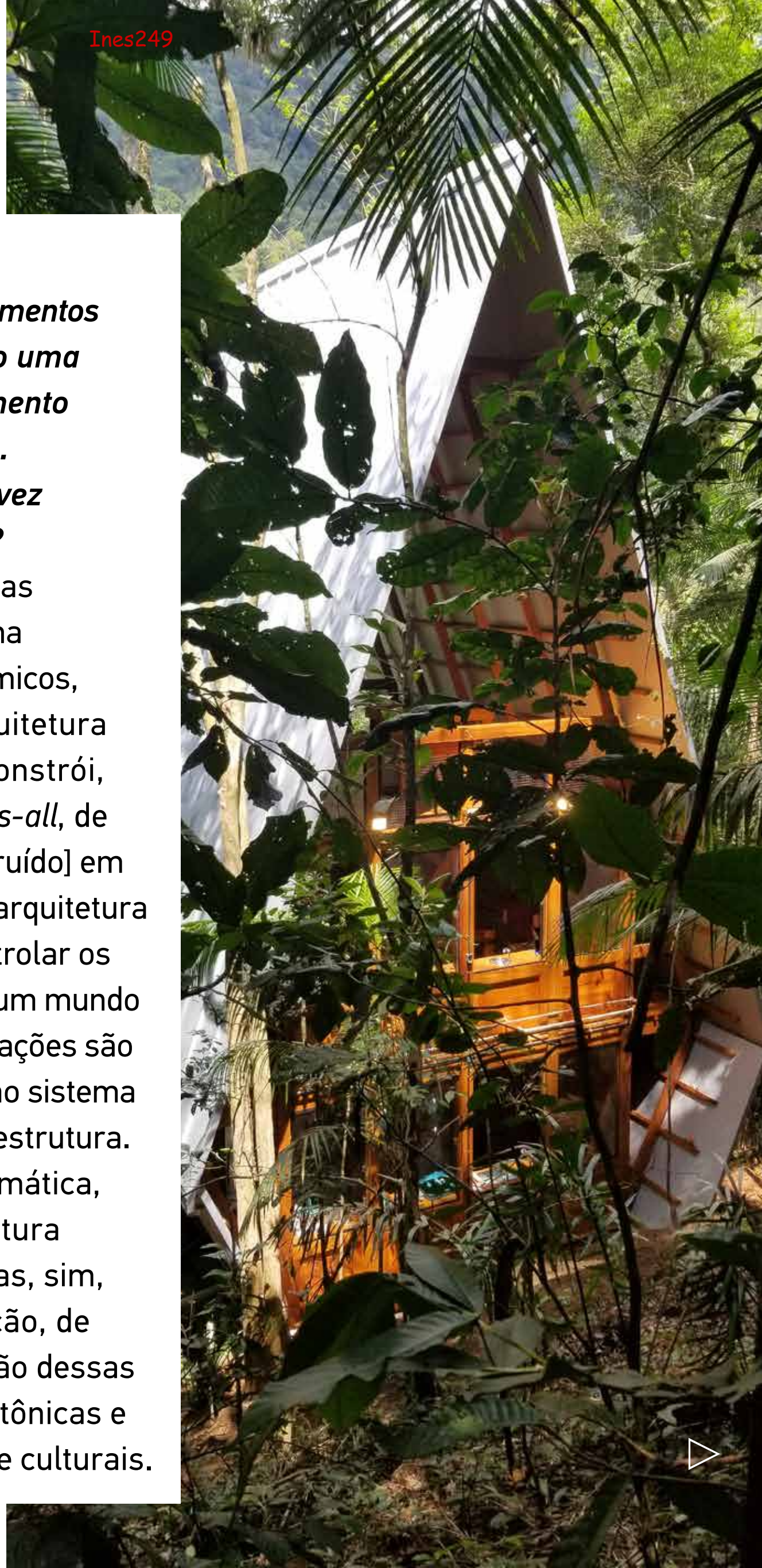
Acredito em escolas vivas. Os conhecimentos também nascem dentro das comunidades. A visão acadêmica eurocêntrica tem grandes possibilidades de estudo, mas também limitações epistemológicas do entendimento da natureza. Quando unimos a visão científica ocidental com a ciência, a tecnologia da ancestralidade e a nossa sensibilidade fenomenológica, ampliamos as diferentes maneiras de observar o fenômeno que é a vida.

Fotos: Noon Creative Studio; Rafael Medeiros

Ines249

Você costuma destacar essa questão dos conhecimentos ancestrais também como uma ferramenta de enfrentamento às mudanças climáticas. Quais conhecimentos talvez devêssemos recuperar?

A era industrial, com todas suas conquistas, traz uma série de problemas sistêmicos, de entendimento da arquitetura e da maneira como se constrói, [como] esta visão *one-fits-all*, de que tudo pode ser [construído] em qualquer lugar, de que a arquitetura deve ser superior ou controlar os fenômenos naturais. Em um mundo em transformação, as relações são muito mais importantes no sistema do que a solidez de uma estrutura. Numa transformação climática, a rigidez de uma arquitetura não vai ser a solução, mas, sim, a capacidade de adaptação, de interação e de colaboração dessas estruturas, tanto arquitetônicas e urbanas, quanto sociais e culturais.



Ines249

Nesse [sentido], quando falamos das arquiteturas ancestrais, não falamos apenas das soluções bioclimáticas, de materiais regenerativos, de descentralização de grandes assentamentos. Estamos falando de uma resiliência civilizatória, social e cultural, que se baseia nas relações e na colaboração. O aprendizado da arquitetura ancestral, vernacular, tanto no Brasil quanto em outros lugares, é indispensável como modelo e como prática a ser implementada dentro da nossa sociedade. Não é uma questão sobre qual modelo se adapta melhor ao futuro em transformação. É uma coexistência de diferentes modelos, um aprendendo com o outro.

Quando nos inspiramos na ancestralidade, [não se trata] de ser uma cópia de formas ou grafismos, mas de como implementar esses sistemas em nossos projetos e vice-versa, de como compartilhar o conhecimento dos nossos projetos com grupos que trabalham na construção das próprias comunidades. São aberturas de intercâmbio de conhecimentos, sempre dos dois lados.

Ines249

Resgatar as inteligências ancestrais também ajuda a combater o esgotamento que vivenciamos nas sociedades modernas?

É impossível separar esses planos. A crise climática é uma mudança que já aconteceu e que vai acontecer, porque toda a natureza muda. O ser humano baseou as arquiteturas e as relações sobre um determinismo ecológico e histórico. As crises climáticas, de saúde, políticas, sociais, psicológicas estão inter-relacionadas, não há como separá-las.

Foto: Divulgação/Nubank Ultravioleta

Para o projeto da Casa Nubank Ultravioleta, o Atelier apresentou um conceito de arquitetura biofílica, com fachada paramétrica que funciona como uma "pele orgânica", feita de madeira plástica reciclável.

Ines249

Você comentou que gostaria de transformar cidades em parques. Como seria o desenho dessas cidades?
As cidades construídas são o nosso maior gargalo e nosso grande impacto ecológico e psíquico. É fundamental que as cidades atuais sejam transformadas. Quando falamos em cidade-parque, a ideia é de um urbanismo no qual os parques funcionam dentro do metabolismo urbano. Os primeiros estudos sobre Biópolis ou Fitópolis, conceitos de Stefano Mancuso, dão a ideia de que os parques não são decoração, eles definem como o ser humano se relaciona com a natureza dentro das cidades.

Ainda separamos o que é a cidade do que é o parque. O Central Park, por exemplo, é basicamente um recorte verde dentro da cidade. Ele não faz parte do dia a dia. O mesmo acontece quando falamos: "Neste fim de semana vou para a natureza, vou para o parque", como se não fôssemos a natureza. Quando entendemos que somos natureza e que as cidades podem ser uma cidade-floresta, elas precisam [contemplar] processos operacionais descentralizados, compartilhados, distribuídos, assim como ocorre nas florestas. Elas precisam conter massas verdes capazes de resfriar o ambiente, criar condições para que os polinizadores consigam operar dentro dela.

Este resgate das áreas verdes tem questões e desafios incríveis, mas precisa começar por algum lugar, devolvendo as áreas verdes às cidades. É uma questão de prioridades, de urgências, mas também de evolução da espécie humana para a consciência de que somos natureza e de como queremos habitar esse mundo.

Foto: NY18

“
Parques não são decoração, eles definem como o ser humano se relaciona com a natureza dentro das cidades

Ines249

É relativamente fácil que iniciativas nesse sentido sejam realizadas não só pelo poder público, mas também pelas entidades privadas? O mercado imobiliário, por exemplo, tem investido em fachadas verdes como forma de aproximar os empreendimentos da natureza. Essas ações, mesmo que pontuais, contribuem para esse resgate ou isso ainda é pouco?

O mercado imobiliário
é um exemplo *a posteriori.*
É uma consequência da leitura
de tendências sobre o momento
da biofilia, da necessidade do ser
humano de se relacionar com a
natureza e o uso desses sistemas
dentro da maximização de
venda dos produtos imobiliários.
Honestamente, vejo poucos casos
genuínos. A implicação real estaria
na criação de áreas verdes nas
quais a vegetação conseguisse
se autossustentar e se comunicar,
não ficando recortada.

“O aprendizado da arquitetura ancestral, vernacular, tanto no Brasil quanto em outros lugares, é indispensável como modelo e como prática a ser implementada dentro da nossa sociedade

A floresta é floresta porque
todos os organismos estão
interconectados. Na maioria
dos empreendimentos,
[isso ainda] é um atrativo
de venda mais do que uma
solução real de reflorestar
as nossas cidades.

Ainda assim, vejo [essas
iniciativas] como algo positivo,
mas elas precisam evoluir
para uma visão sistêmica.
Não basta só ver a área verde,
é preciso se relacionar com ela.

Imagem: Atelier Marco Bravojic

Ines249

Você desenvolve projetos de arquitetura, de design, de cenografia, instalações artísticas. A natureza é a única fonte de inspiração ou há outros elementos que se somam a ela?

Cada vez mais nos abrimos para diversas áreas que nos inspiram, mas elas vêm, inevitavelmente, da paixão, do amor e da missão de trazer a natureza como elemento inspiracional, de processo criativo e de comunicação dentro dos projetos.

Projeto Mirante do Madadá integrou a exposição "Amphibious: vivendo entre a água e a terra na Amazônia", apresentada na Bienal de Veneza, em 2021.

Ines249

Quando transitamos de um projeto arquitetônico para um de arquitetura efêmera ou de *brand experience* (um pavilhão, uma instalação ou uma exposição) a temática não vem dessa dimensão, mas de outra, cultural, como nas exposições sobre o Stanley Kubrick ou o David Bowie.

Agora, quando trabalhamos com marcas, a maior parte delas procura essa dimensão [de inspiração na natureza], pois são empresas sensíveis a ela, como é o caso da Natura. Nosso próximo projeto será apresentado em setembro, no Rock in Rio. O que posso adiantar é que será uma experiência inspirada na floresta, com estruturas pré-fabricadas (que serão construídas e desmontadas facilmente, sem desperdícios) e que a cobertura desse pavilhão será executada com folhas de plástico reciclado de embalagens da marca inspiradas nas folhas de cacau e de cupuaçu. Será uma "pele" arquitetônica. O vento vai passar por entre essas folhas criando movimento e sombra. Dessa maneira, cria-se um efeito sensorial dessa relação altamente instintiva de algo que o ser humano vivenciou por milhares de anos, que é viver na floresta.

Você acredita que, por atingir mais pessoas, esse tipo de projeto tem maior potencial para provocar reflexões ambientais do que outros, como os residenciais?

Ambos têm sua potência de transformação. Arquiteturas vivenciadas, como casas, hotéis ou espaços comerciais, transformam na dimensão do cotidiano, pelo tempo estendido de relacionamento, além de comunicar valores e princípios dentro da escala de como habitamos o planeta. Já a arquitetura efêmera trabalha na dimensão do impacto, que também transforma muito.

Foto: Fabio Lumanke

Ines249

> *Falamos: 'Neste fim de semana vou para a natureza, vou para o parque', como se não fôssemos a natureza*

O projeto AYURU, construído na Aldeia Rizoma, em Paraty (RJ), tem estrutura de bambu e cobertura de telha cerâmica esmaltada, inspiradas nas arquiteturas ancestrais indígenas e nas asas dos pássaros.

Nela, também podemos experimentar técnicas que, depois, aplicamos [nos projetos arquitetônicos]. Além disso, ela tem uma dimensão fenomenológica, pois coloca as pessoas num estado de ânimo excepcional de sons, de cheiros, de gravidade e, nesse lugar, elas saem da zona de conforto e abrem a própria sensorialidade instintiva, [vivenciando um] *download* de sensações e de valores. É nesse estado de ânimo que [focamos] quando trabalhamos com arquiteturas altamente sensoriais e [expostas por] pouco tempo. Esse tipo de projeto também atinge um público muito diversificado, democratizando os acessos, eu acho isso muito interessante.

Ines249

Como o Atelier equilibra as questões relacionadas à sustentabilidade e à gestão de recursos materiais em seus projetos, especialmente nesses de caráter temporário?

Para mim, um evento, um pavilhão ou uma arquitetura que se neutralizou enquanto carbono não se justifica [por si só]. Quando decidimos participar de um evento, estamos cientes sobre o impacto que estamos [gerando]. Não adianta sermos hipócritas ou nos escondermos atrás de números e dizer: "Somos carbono zero, podemos fazer isso". Entretanto, no momento em que o estamos realizando, temos que ter consciência ética do porquê estamos fazendo esse evento e o que queremos falar a partir dele. Qual é a mensagem, qual é o impacto que queremos trazer, não só o quantitativo? Depois que cumprimos todos os números, o que mais podemos fazer? É isso o que me interessa.

E aí aparece a importância de um cliente bom. Não há projeto bom sem um cliente bom. Estamos num momento no qual a arquitetura tem que trazer soluções novas, e as soluções novas nascem só da experimentação. Quando o mercado está alinhado com a possibilidade de experimentar, de evoluir, é que ele está olhando para o futuro.

Foto: Arelier Marko Brajovic

Ines249

Vivemos um momento no qual a arquitetura ainda é muito voltada para o ser humano. Quais outros clientes deveriam ser considerados no processo de desenvolvimento arquitetônico?

Gosto muito da ideia de sairmos desta unidirecionalidade do cliente. Os outros seres também são clientes, porque há diálogo, há troca, uma negociação constante. E essa negociação é importantíssima! O cliente de uma flor é o polinizador, nessa relação de negociação e de interesse mútuo. As cidades atuais são grandes exterminadoras de pássaros [com esses prédios] envidraçados, chamados de inteligentes. Como abrigar os pássaros? Como [olhar para] outros mamíferos, como cachorros e gatos, para que possam caminhar nas cidades sem queimar as patas?

Como todos esses outros clientes — eu gosto muito de chamar de gente humana e gente não humana, porque todos são gente —, dialogam com nossas arquiteturas? É fundamental o mercado se abrir ao outro, às conexões. Entender que a cidade é nossa casa e valorizar o espaço coletivo, essa ideia da coletividade como uma força de entendimento da nossa espécie. C

Ines249

DECORAÇÃO

ESCADA LISTRADA CONECTA OS PAVIMENTOS DESTA COBERTURA EM MOEMA

O escritório Estúdio Maré criou um apartamento contemporâneo e personalizado por meio de escolhas inteligentes de mobiliário e intervenções pontuais de baixo custo

TEXTO REDAÇÃO CASA.COM.BR **FOTOS** MONICA ASSAN

Ines249

Ines249

Ines249

Nem toda reforma precisa de obras complicadas e altos investimentos. Um exemplo foi o caso desta cobertura de 400 m², localizada no bairro de Moema, em São Paulo. O imóvel tinha bons pisos e marcenaria, entretanto carecia de uma linguagem que se alinhasse ao estilo de vida dos moradores. O escritório Estúdio Maré, comandado por Lívia Leite, entrou em cena para desenhar, sem grandes alterações estruturais, um lar contemporâneo e personalizado.

"A nossa estratégia foi preservar tudo o que ainda fazia sentido, direcionando o investimento para novos móveis, produção, acabamentos pontuais e uma releitura completa da atmosfera dos ambientes", comenta.

Ines249

Ines249

O projeto foi desenvolvido a partir de um novo layout de mobiliário solto, pensado para valorizar a arquitetura existente e criar espaços mais fluidos, acolhedores e sofisticados. O escritório conta que buscou um equilíbrio entre diferentes materiais, texturas e tonalidades, criando unidade entre os ambientes integrados sem abrir mão da identidade de cada espaço.

Ines249

Na área social do pavimento inferior, o piso de madeira de demolição foi restaurado e passou a assumir protagonismo na composição. Tapetes organizam visualmente os espaços integrados sem comprometer a fluidez.

Ines249

Ines249

Como a marcenaria da cozinha e da copa estava em bom estado de conservação, a solução para adequá-las à nova decoração foi a adesivagem em parte dos armários, aproximando-os da nova paleta de cores sem a necessidade de substituí-los.

Ines249

Os quartos das crianças também são exemplos desse aproveitamento inteligente dos recursos: os móveis existentes foram realocados para outros cômodos, enquanto papéis de parede foram aplicados para refletir os gostos das crianças.

Ines249

A suíte do casal recebeu atualizações sutis, porém significativas. Uma nova cama, com cabeceira ripada, e a parede texturizada fizeram toda a diferença na percepção de unidade visual. “O novo móvel, junto com as mesas laterais e as arandelas, passou a dialogar com o mobiliário existente, criando uma atmosfera mais contemporânea, sem descaracterizar o ambiente”, comenta Lívia.

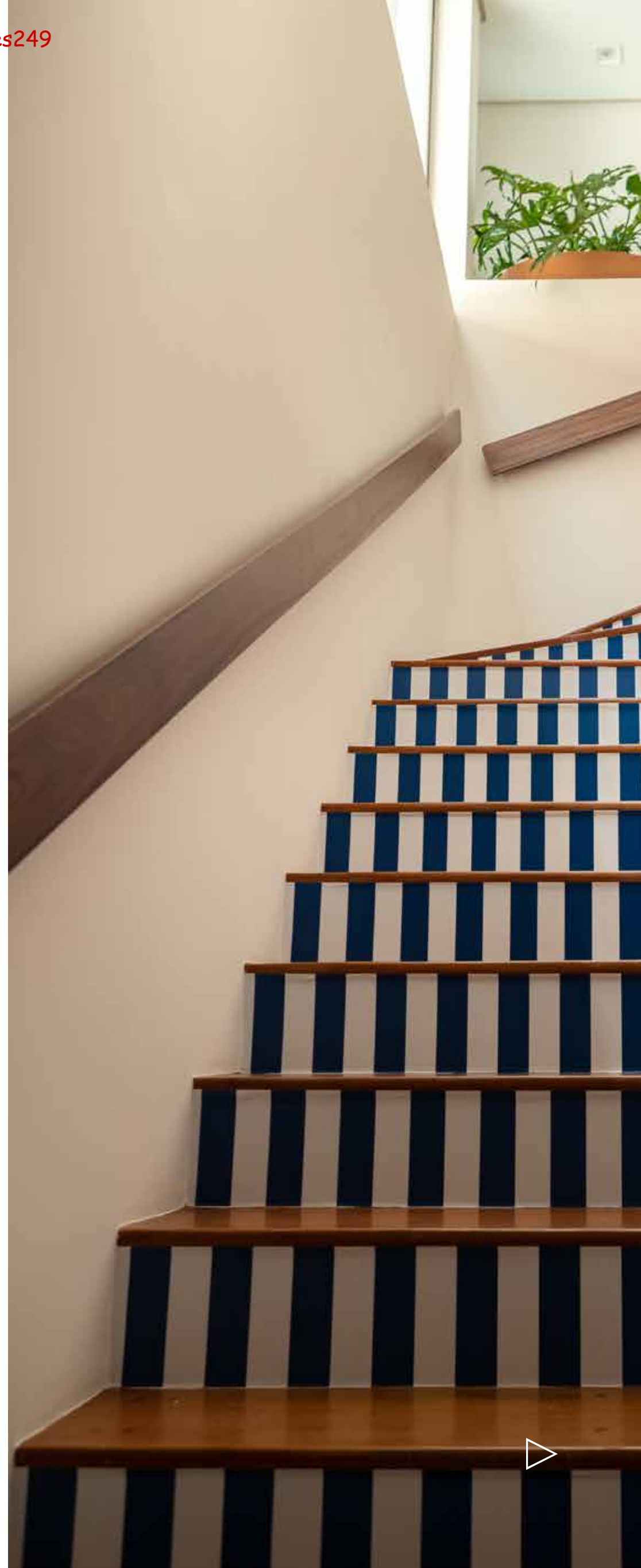
Ines249

No banheiro, dois revestimentos se sobrepõem. O novo, verde, foi aplicado na parede. Já o piso foi instalado sobre o revestimento existente, dispensando a necessidade de demolições.

Ines249

O grande destaque do apartamento é um elemento que poderia passar despercebido na hora de projetar: a escada que conecta os dois pavimentos. Por ocupar um local central no imóvel, o escritório decidiu transformá-la em ponto focal, seguindo o mesmo pretexto de poucas alterações estruturais e intervenções de baixo custo.

"Em vez da pintura convencional dos degraus, foi especificada uma adesivagem, solução que oferece maior durabilidade ao uso diário e renova completamente sua aparência, reforçando a linguagem contemporânea do projeto com uma intervenção rápida e de baixo impacto", explica a arquiteta.

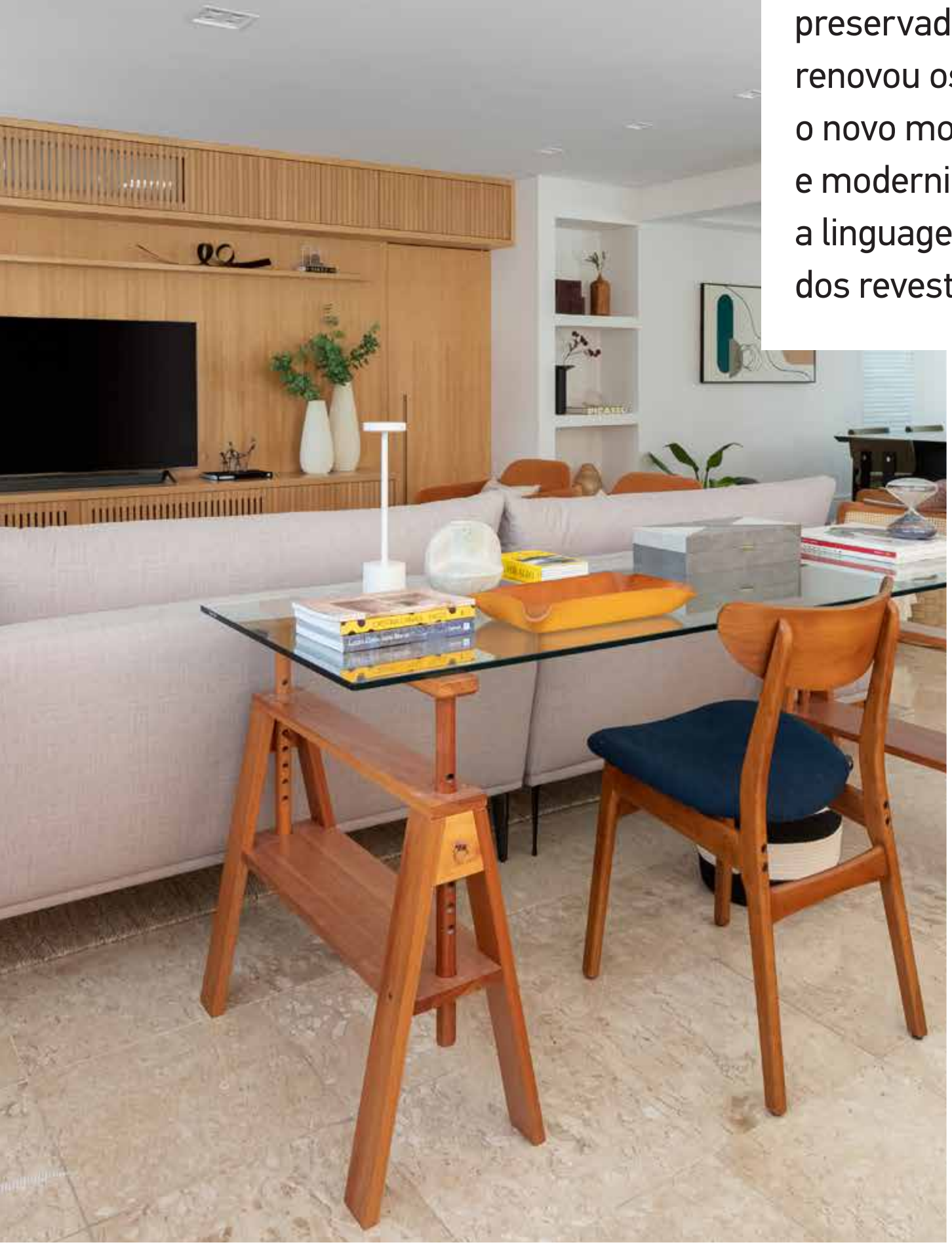


Ines249

DECORAÇÃO

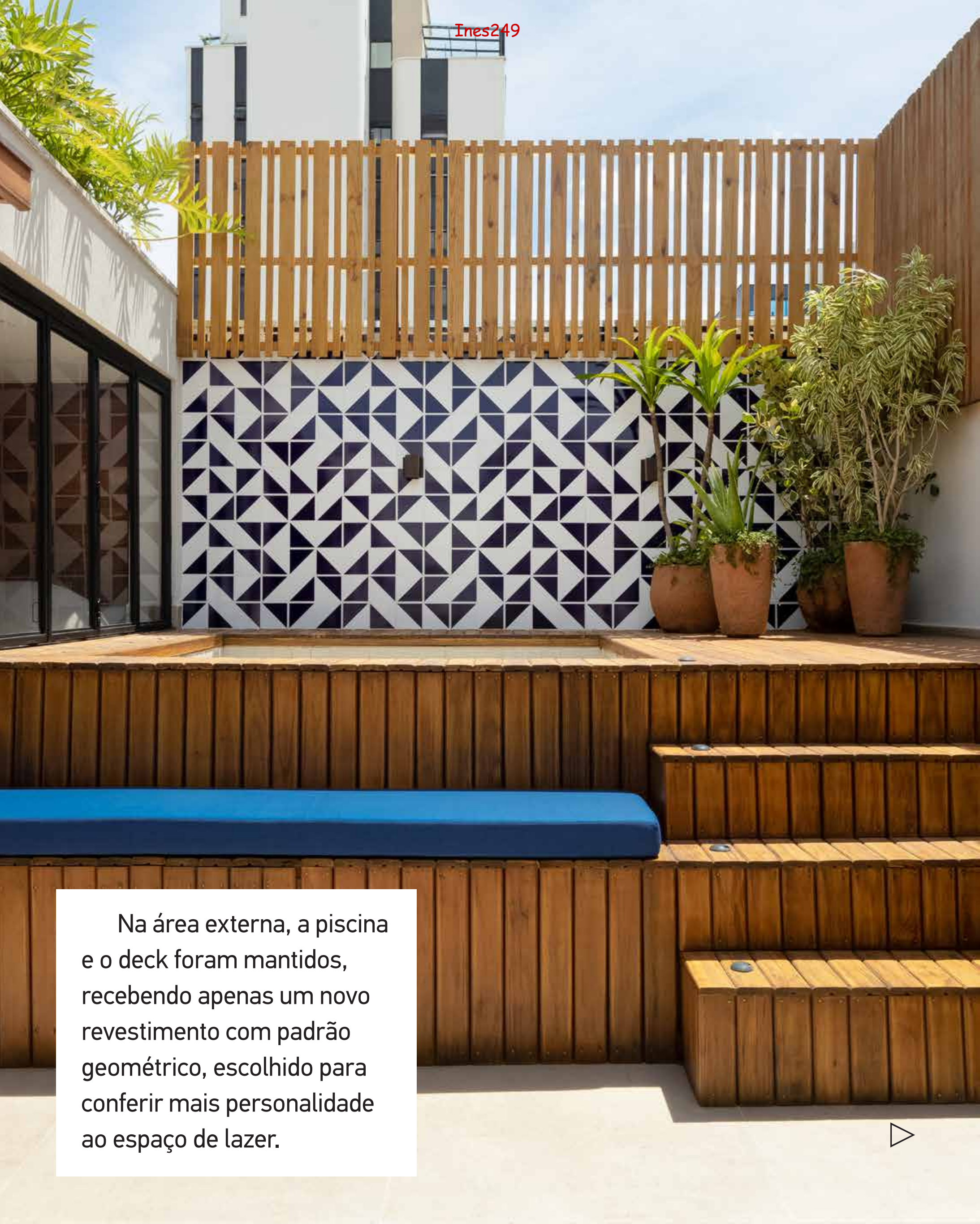
Ines249

No pavimento superior, o piso de mármore foi preservado e a pintura geral renovou os espaços, enquanto o novo mobiliário trouxe leveza e modernidade para equilibrar a linguagem mais clássica dos revestimentos originais.



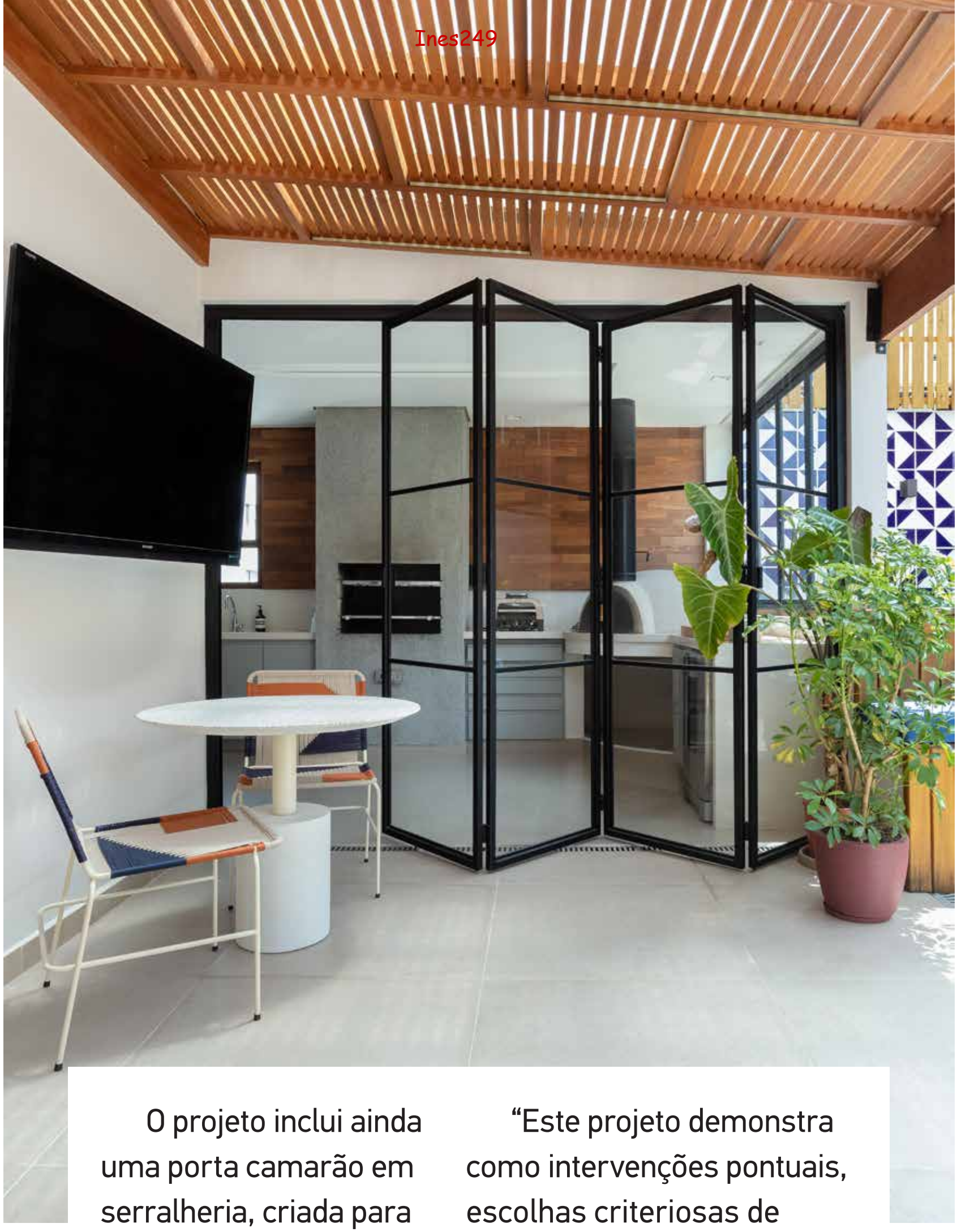
Ines249

Ines249



Na área externa, a piscina e o deck foram mantidos, recebendo apenas um novo revestimento com padrão geométrico, escolhido para conferir mais personalidade ao espaço de lazer.

Ines249



O projeto inclui ainda uma porta camarão em serralheria, criada para separar a área gourmet da piscina de maneira elegante e flexível, permitindo diferentes configurações de uso.

"Este projeto demonstra como intervenções pontuais, escolhas criteriosas de mobiliário e um olhar atento para o potencial da arquitetura existente podem renovar completamente um imóvel", finaliza Lívia. C

Ines249

Projeto: Casa Vida Cenário Foto: @casavidacenario

INSPIRAÇÃO

ESQUEÇA O BÁSICO: CONHEÇA AS 8 TENDÊNCIAS DE PAPEL DE PAREDE QUE ESTÃO DOMINANDO AS CASAS

Do efeito aquarelado às estampas botânicas, Casa CLAUDIA listou as principais apostas para o revestimento

TEXTO ADRIANA MARRUFFO

Ines249

Foto: Gisele Rampazzo

O papel de parede é um recurso clássico, versátil e ideal para agregar um toque de personalidade ao ambiente, além de ter possibilidades diversas que agradam qualquer preferência: floridos, listrados, com textura, *animal print* e muitas outras padronagens.

Inventado há pelo menos 2 mil anos, na China, o revestimento conta com algumas estampas que têm se mostrado em alta nos últimos tempos, como os temas biofílicos.

"Em 2026, o papel de parede deixa de ser apenas um elemento decorativo e passa a ter um papel mais estratégico no projeto. Antes, era usado como destaque pontual, quase como um acessório. Agora, entra como ferramenta de construção de atmosfera, ajudando a definir identidade, sensação e narrativa do espaço", pontua o arquiteto Paulo Spessatto, do escritório homônimo.

A seguir, elencamos as principais tendências para papel de parede e 12 inspirações repletas de personalidade:

Ines249

Projetado pelo arquiteto David Bastos, do escritório DB Arquitetos, este lavabo ganha textura com o papel de parede da Quaker, que remete a tecido natural.

APARÊNCIA NATURAL E TEXTURAS

Um erro comum é evitar o uso do papel de parede por associá-lo a conceitos maximalistas ou com padronagens excessivas. O revestimento com aparência natural é uma das principais tendências para o recurso, trazendo texturas que remetem a materiais como linho, palha e sisal, utilizadas, principalmente, em ambientes com toques naturais e leves.

A aposta é ideal para conferir um ponto focal ao cômodo. "Reforça a conexão com o artesanal e com a natureza, mesmo com toda a tecnologia envolvida", acrescenta a arquiteta Isabella Nalon, do escritório de mesmo nome.

Fotos: Carolina Lacaz; Arq Verso; Álvaro Valdecantos

Ines249

2

Os papéis de parede com paisagens trazem a natureza para dentro do lar e agregam um efeito artístico a qualquer cômodo. Projeto do arquiteto Paulo Spessatto, do escritório homônimo.

PAISAGENS

O papel de parede não se limita apenas a estampas e desenhos repetitivos. A aparição do revestimento com elementos que fazem referência a paisagens é outra pedida em alta, incorporando a natureza e um toque artístico ao cômodo.

"Vemos desenhos que remetem à natureza de forma mais artística e menos padronizada, quase como murais", explica a arquiteta Claudia Passarini, do escritório Paiva e Passarini Arquitetura e Design.

TROMPE L'OEIL

O *trompe l'oeil,* isto é, os efeitos ilusórios, é tendência, apresentando estampas que simulam materiais como pedra, marcenaria e molduras clássicas.

Estas padronagens são ideais para criar impacto visual com facilidade e agilidade, além de diminuir os custos com materiais e obras.

3

Neste banheiro, desenhado pela designer de interiores Carla Sousa, do escritório homônimo, o armário usa papel de parede que reproduz a madeira nogueira.

Ines249

Neste quarto, desenhado pela arquiteta Isabella Nalon, do escritório homônimo, o papel de parede de mapa cria efeito contemporâneo.

Desenhado pela arquiteta Talita Nogueira, do escritório homônimo, o papel de parede traz um mural com efeito natural e minimalista.

4

EFEITO MURAL

Em paralelo à escolha por papéis de parede com paisagens e menos desenhos repetitivos, o efeito mural também entra na cena da decoração. “Papéis de parede abstratos ou com paisagens suaves são uma pedida em alta, criando atmosfera e dando personalidade aos projetos”, aposta a arquiteta Talita Nogueira, do escritório homônimo.

Nesta tendência, busque estampas que remetam a pinturas, transformando a parede em uma verdadeira obra de arte.

O efeito mural também permite colocar a criatividade em dia, podendo-se optar, inclusive, por estampas mais ousadas, como aquelas com desenhos de mapas, livros ou outros elementos.

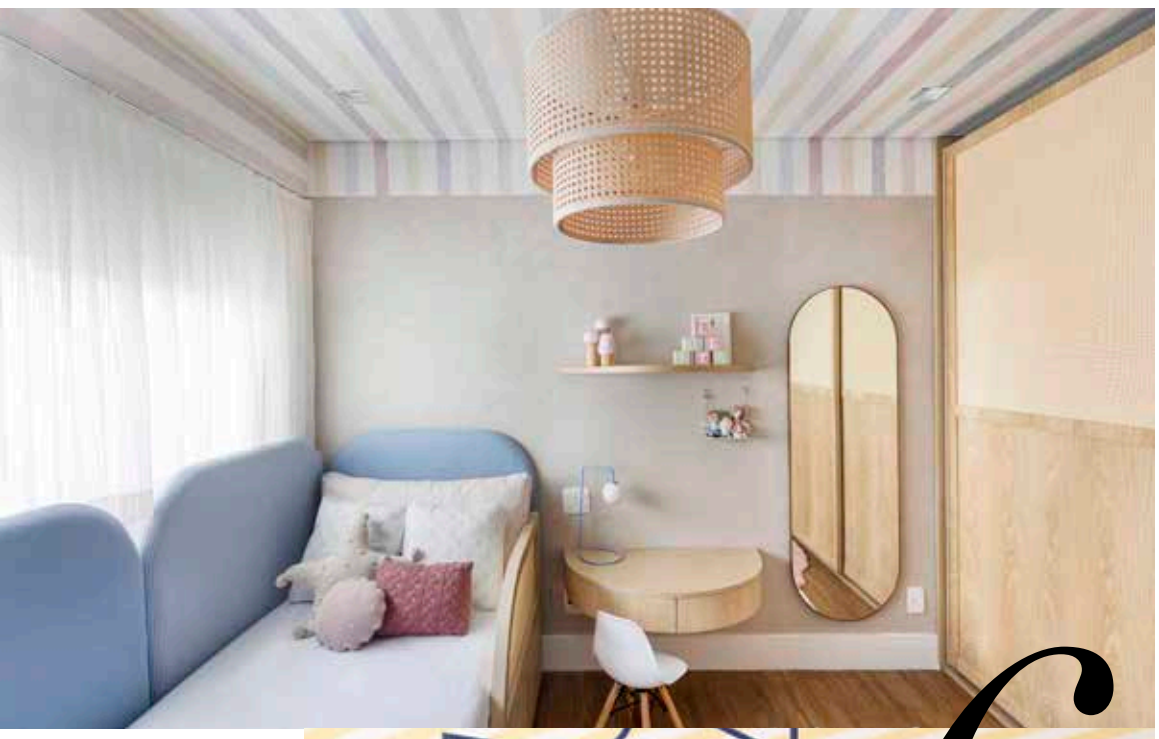
Fotos: Julia Herman; Eduardo Macarios; Arq Verso; @tom_walpappers; @amomooui

Ines249

5 EFEITOS AQUARELADOS

“Outra tendência são os efeitos aquarelados, que trazem leveza, movimento e um toque artístico para o ambiente”, diz a arquiteta Vanessa Paiva, do escritório Paiva e Passarini Arquitetura e Design.

Os efeitos aquarelados no papel de parede conferem toque artístico e leveza ao cômodo, além de integrar as cores de forma minimalista. Projeto do arquiteto Paulo Spessatto, do escritório homônimo.

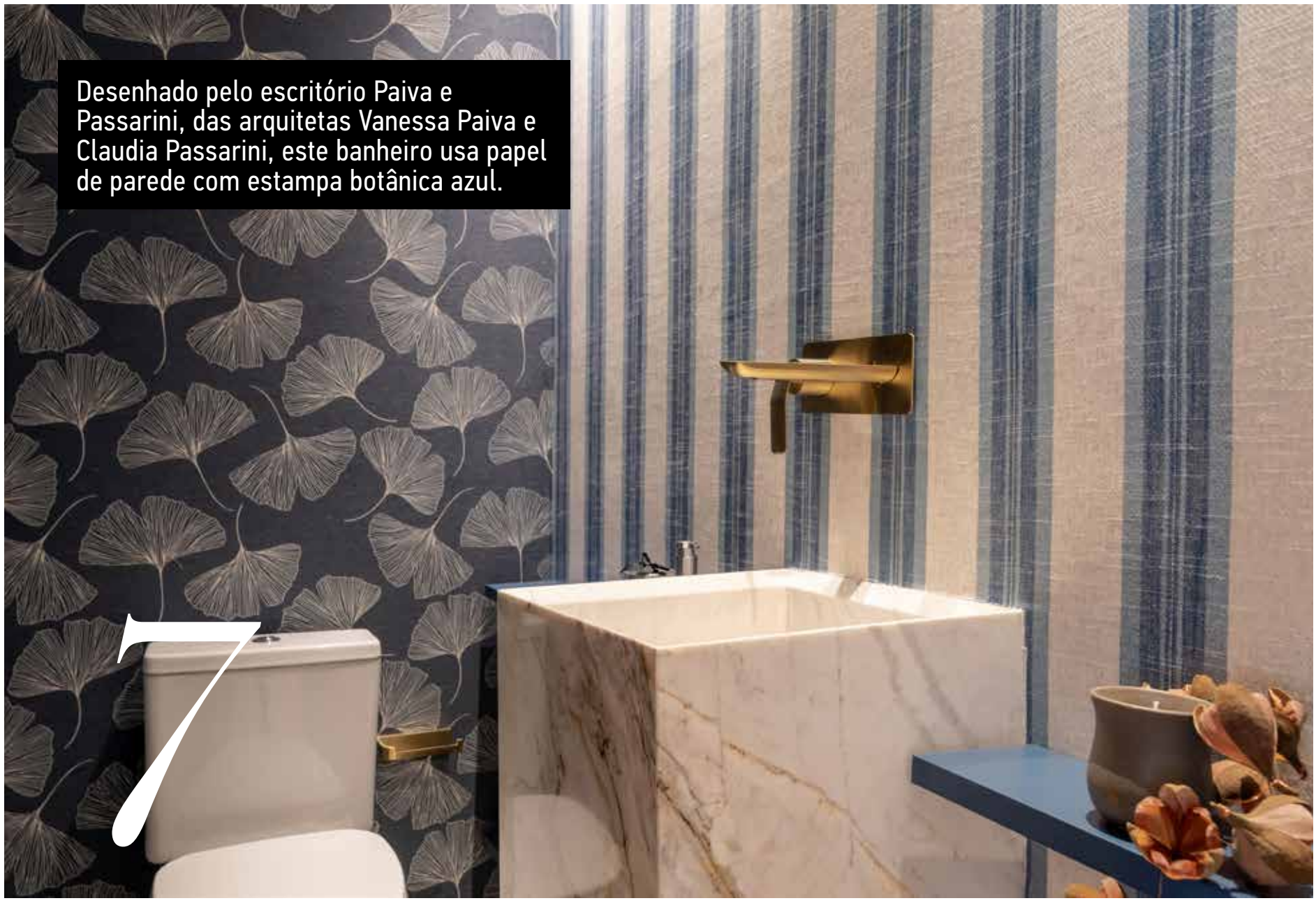


6 USO NO TETO

Para além de texturas e padronagens, o revestimento deixa de ser exclusivo das paredes e sobe para o teto, também conhecido como a “quinta parede”. Isso permite a criação de ambientes mais imersivos e marcantes, além de gerar identidade e aproveitar espaços subutilizados.

O aproveitamento do teto é uma pedida ideal para usar papel de parede. Projetos da arquiteta Yanka Oliveira, do escritório homônimo, e do escritório Kobbi Cimerman Arquitetura, das arquitetas Catherina Cimerman e Paloma El Kobbi Safra.

Ines249



Desenhado pelo escritório Paiva e Passarini, das arquitetas Vanessa Paiva e Claudia Passarini, este banheiro usa papel de parede com estampa botânica azul.

ESTAMPAS ORGÂNICAS E BOTÂNICAS

A busca por elementos que remetem à natureza está em alta em todos os ramos da decoração, desde os materiais até o papel de parede.

"As estampas orgânicas e os florais reinterpretados devem se destacar ainda mais. Não são florais tradicionais, mas versões mais artísticas e menos literais. As formas orgânicas trazem mais fluidez e conexão com o bem-estar, além de se integrarem melhor com diferentes estilos", comenta Paulo.

Fotos: Xavier Neto; @decorum_dis

Ines249

Desenhado pelo criador de conteúdo de decoração Lorenzo Bises, este corredor usa papel de parede com referências chinesas.

8

REFERÊNCIAS CULTURAIS

Outro elemento presente entre a diversidade de opções de papel de parede são as referências culturais, principalmente as com padrões orientais. Estas estampas são ideais para ambientes que requerem um ponto de destaque, como quartos e lavabos. C

Ines249

PAISAGISMO

LAGOS TRANSFORMAM JARDINS EM REFÚGIOS NATURAIS

Executados por meio de paisagismo, espelhos d'água e piscinas naturais formam pequenos ecossistemas e criam possibilidades de contemplação e convivência

TEXTO REDAÇÃO CASA.COM.BR

Ines249

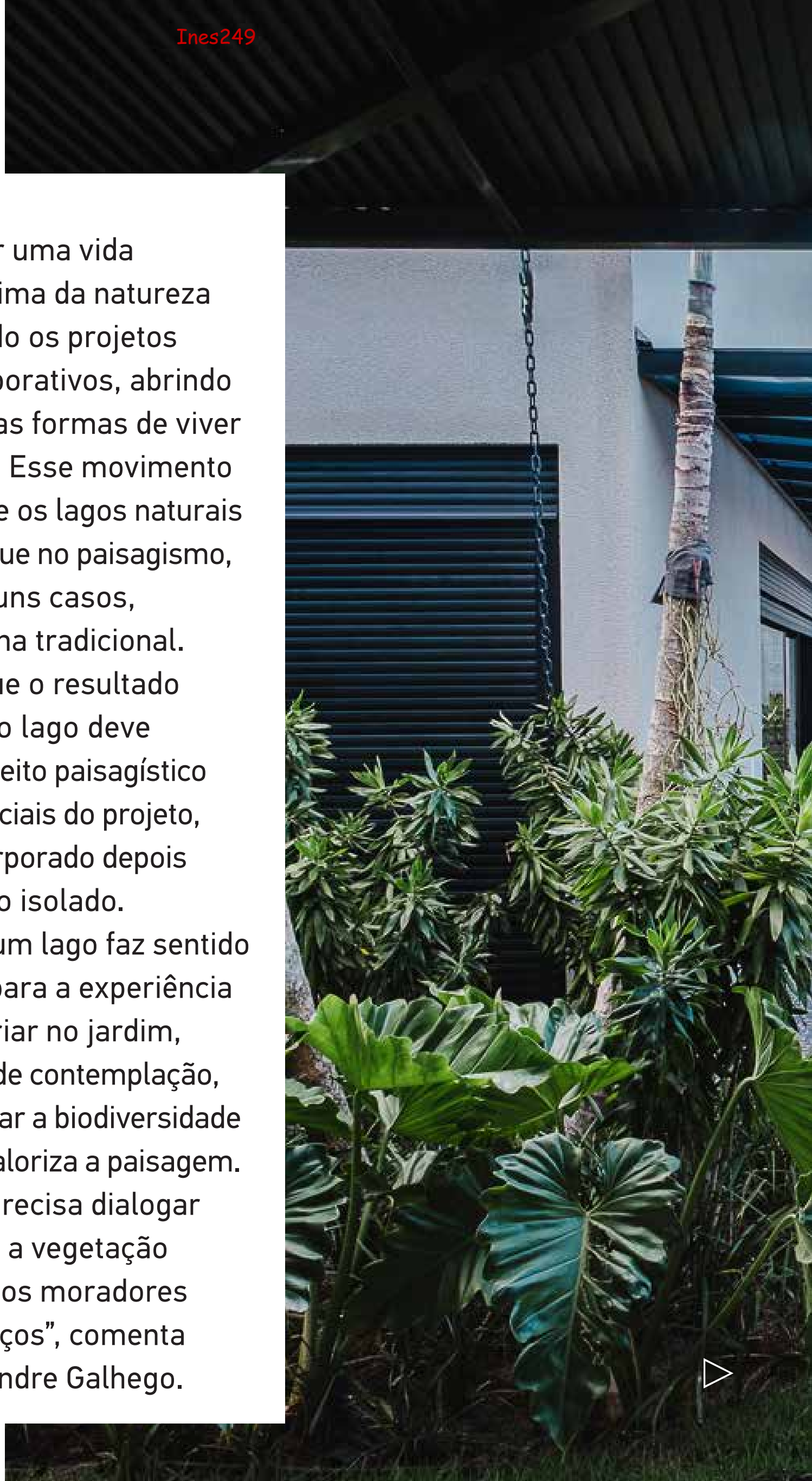
Projeto de Depieri Paisagismo
Foto: Clausem Bonifacio

Ines249

O desejo por uma vida mais próxima da natureza vem transformando os projetos residenciais e corporativos, abrindo caminho para novas formas de viver as áreas externas. Esse movimento contribuiu para que os lagos naturais ganhassem destaque no paisagismo, chegando, em alguns casos, a substituir a piscina tradicional.

Porém, para que o resultado seja harmonioso, o lago deve fazer parte do conceito paisagístico desde as etapas iniciais do projeto, em vez de ser incorporado depois como um elemento isolado.

"A inclusão de um lago faz sentido quando contribui para a experiência que se pretende criar no jardim, seja como espaço de contemplação, recurso para ampliar a biodiversidade ou elemento que valoriza a paisagem. Sua implantação precisa dialogar com a arquitetura, a vegetação e a maneira como os moradores vivenciam os espaços", comenta o paisagista Alexandre Galhego.



Ines249

Projeto de Alexandre Galhego
Foto: Miti Sameshima

Ines249

Projeto de Depieri Paisagismo
Foto: Clausem Bonifacio

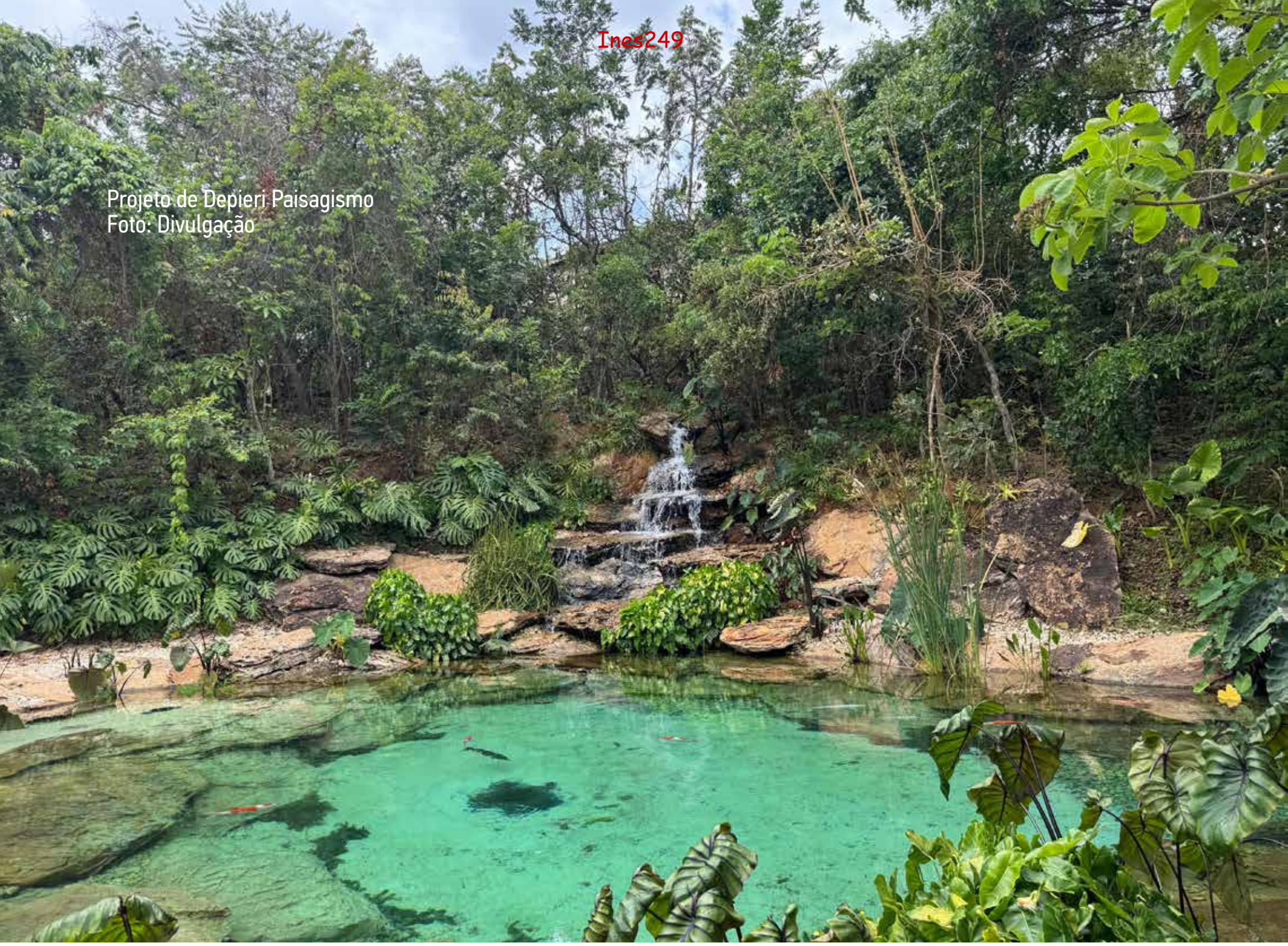
Ines249

EM SINTONIA COM O ENTORNO

Antes de decidir pela criação de um lago, vale pensar em como a família pretende aproveitar a área externa. Os especialistas revelam que é necessário considerar a rotina de adultos e crianças, os momentos de lazer, a relação que desejam ter com a natureza e as expectativas para o novo espaço. A partir dessas respostas, fica mais fácil entender se o lago é realmente a melhor escolha e qual solução combina mais com o projeto.

"No lago natural, a água é mantida limpa por meio da filtragem biológica realizada por plantas aquáticas, peixes e micro-organismos, aliada à circulação contínua promovida por bombas discretas e à oxigenação natural, sem o uso de cloro ou outros produtos químicos. Esse equilíbrio cria um ambiente vivo e, em muitos casos, permite até nadar entre os peixes, proporcionando uma experiência única", afirmam Arthur e Cleber Depieri, do escritório Depieri Paisagismo.

Ines249



Projeto de Depieri Paisagismo
Foto: Divulgação

CONHECENDO O TERRENO

Além de entender os desejos da família, também é essencial realizar uma análise cuidadosa do terreno. Nessa etapa, são avaliados aspectos como topografia, drenagem, incidência solar, características do solo, infraestrutura disponível e espaço para a instalação de bombas e filtros.

É preciso levar em conta a proximidade de construções e tubulações, assim como os tipos de árvores nas margens. Com essas informações, fica mais fácil definir o melhor local para o lago e integrá-lo à casa atual ou futura e aos demais elementos do jardim.

Ines249

Projeto de Alexandre Galhego
Foto: Miti Sameshima

Em alguns casos, a implantação pode se tornar inviável, especialmente quando o terreno é muito pequeno ou instável, apresenta problemas de drenagem ou não oferece espaço suficiente para a estrutura, os equipamentos e a manutenção geral.

Além disso, todos os profissionais envolvidos com o projeto devem trabalhar em conjunto desde o início. “O trabalho coordenado entre o paisagista e a empresa executora do lago, por exemplo, permite compatibilizar questões estruturais, hidráulicas, elétricas, biológicas e paisagísticas, reduzindo retrabalhos e garantindo um resultado satisfatório”, afirma Alexandre.

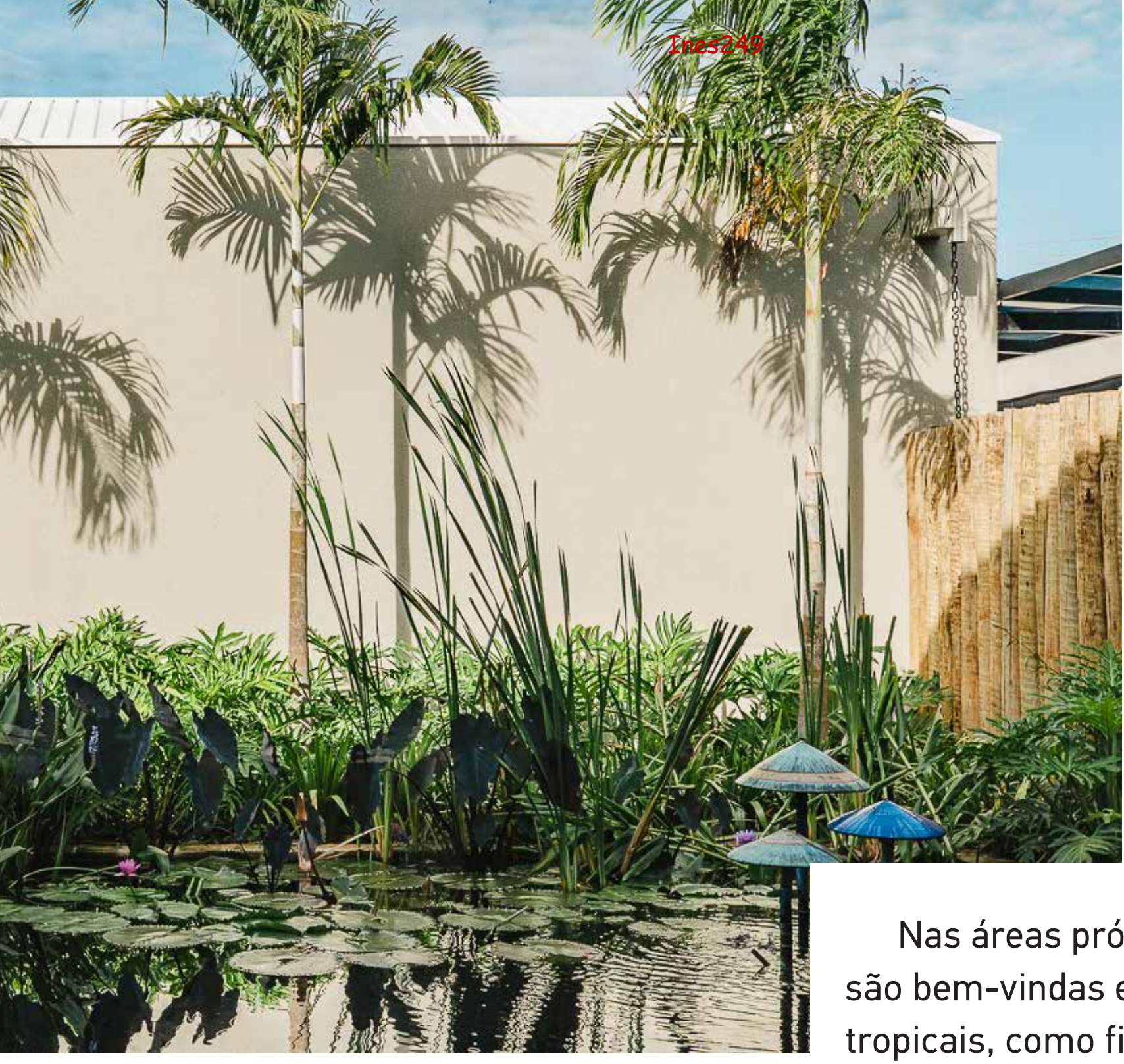
Ines249

Projeto de Alexandre Galhego
Foto: Miti Sameshima

SELEÇÃO DAS PLANTAS

A escolha das plantas deve ir além de contribuir para a estética e também considerar as funções que cada grupo desempenha no ecossistema. Algumas espécies contribuem para o equilíbrio biológico da água, enquanto outras ajudam a criar a transição entre os ambientes aquático e terrestre ou dão estrutura à composição do jardim.

Entre as espécies recomendadas para a área do lago, segundo os profissionais do Depieri Paisagismo, estão nenúfares ou lírios-d'água (Nymphaea spp.), papiros (Cyperus papyrus), sombrinhas-chinesas (Cyperus alternifolius), aguapés ou jacintos-d'água (Eichhornia crassipes), alfaces-d'água (Pistia stratiotes), lírios-do-brejo (Hedychium coronarium) e taboas (Typha dominguensis). "São excelentes opções, pois filtram naturalmente a água e criam um visual exuberante", afirmam.


Ines249

Já no entorno do lago, o ideal é evitar o plantio de árvores com queda intensa de folhas, flores ou frutos — ou mantê-las a uma distância adequada. Entre elas estão o flamboyant (Delonix regia), a sibipiruna (Cenostigma pluviosum var. peltophoroides), a mangueira (Mangifera indica L.), o jamelão (Syzygium cumini) e a paineira-rosa (Ceiba speciosa).

Nas áreas próximas, são bem-vindas espécies tropicais, como filodendros (Philodendron spp.), alocásias (Alocasia spp.), helicônias (Heliconia spp.), papiros (Cyperus papyrus) e bromélias (família Bromeliaceae). “Também é recomendável priorizar espécies nativas de cada região, que tendem a se adaptar melhor às condições climáticas locais”, aconselham Cleber e Arthur.

Ines249

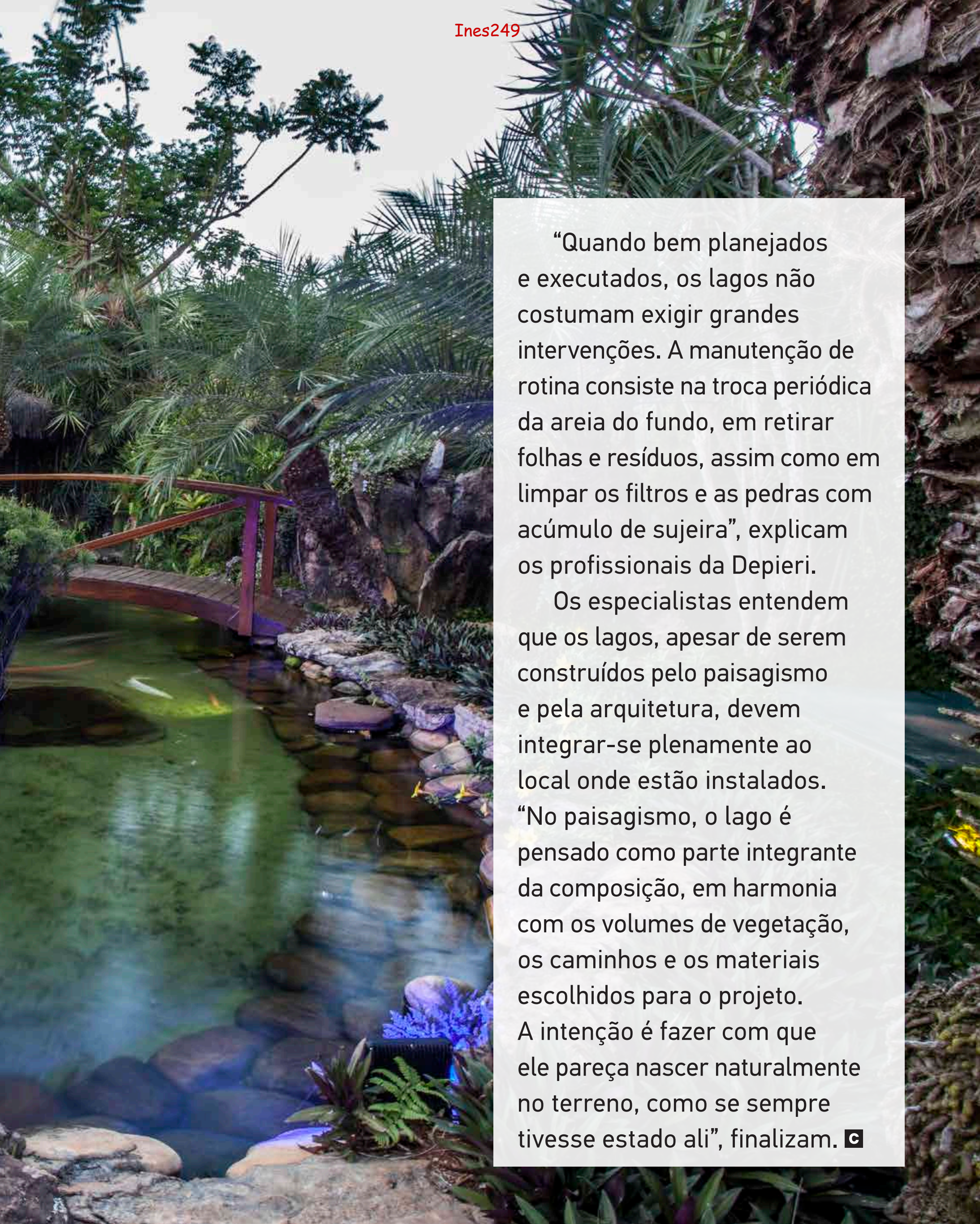
MANUTENÇÃO DE UM LAGO

De acordo com os profissionais, a manutenção não deve ser pensada somente no final do processo, mas considerada desde a concepção do projeto. “Um lago bem dimensionado, com soluções técnicas adequadas e integrado ao paisagismo, tende a apresentar maior estabilidade”, diz Alexandre.

Para isso, no entanto, é fundamental utilizar equipamentos de qualidade e corretamente dimensionados (como bombas e filtros mecânicos), com capacidade e potência adequadas, além de acompanhar o equilíbrio do ecossistema.

Projeto de Depieri Paisagismo
Foto: Clausem Bonifacio

Ines249



“Quando bem planejados e executados, os lagos não costumam exigir grandes intervenções. A manutenção de rotina consiste na troca periódica da areia do fundo, em retirar folhas e resíduos, assim como em limpar os filtros e as pedras com acúmulo de sujeira”, explicam os profissionais da Depieri.

Os especialistas entendem que os lagos, apesar de serem construídos pelo paisagismo e pela arquitetura, devem integrar-se plenamente ao local onde estão instalados. “No paisagismo, o lago é pensado como parte integrante da composição, em harmonia com os volumes de vegetação, os caminhos e os materiais escolhidos para o projeto. A intenção é fazer com que ele pareça nascer naturalmente no terreno, como se sempre tivesse estado ali”, finalizam. C

Ines249

VIAGEM

EXUBERÂNCIA INTERIOR

No Royal Mansour Marrakech, mosaicos feitos à mão, jardins, fontes e *riads* revelam a riqueza da arquitetura tradicional marroquina

TEXTO HELENA GALANTE

FOTOS ROYAL MANSOUR MARRAKECH/DIVULGAÇÃO

Ines249

Ines249

Ines249

Sair de casa para conhecer o melhor hotel da África — e o 13º melhor hotel do mundo, segundo a lista mais recente do World's 50 Best Hotels — significa levar na bagagem as mais altas expectativas. Ao entrar no saguão do Royal Mansour Marrakech e tentar absorver todos os seus encantadores detalhes, porém, entendi que a experiência não seria sobre qualquer idéia preconcebida da hotelaria de luxo. Seria, sim, sobre expandir os sentidos e conhecer um modo de valorizar as tradições que voltaria comigo na forma de inspiração.

Ines249

Ines249

Não há sombra de minimalismo ou paredes lisas, sem graça, no ambiente que recebe os hóspedes. Enquanto me refrescava com uma toalha geladinha perfumada com água de flor de laranjeira, os padrões geométricos do piso levavam o olhar para a fonte central. O barulho suave das águas é uma constante: está também no chá de hortelã servido como um espetáculo, com o bule de prata sendo habilidosamente afastado do copo até o alto, sem uma única gota respingar. Nas colunas, o *zellige*, um tipo de mosaico cerâmico esmaltado cujo colorido conversa com os painéis de gesso esculpidos à mão. Sob os arcos típicos da arquitetura marroquina e as luminárias, muitos outros segredos seriam revelados.

Ines249

Por fora, o Royal Mansour Marrakech é tão austero quanto a maior parte das construções da medina, a parte central murada das antigas cidades muçulmanas. Apenas muros terracota, não tão altos quanto estamos acostumados aqui no Brasil. No horizonte, vale lembrar, nenhuma construção pode ser maior que a Mesquita Koutoubia, com 69 metros de estrutura. É um sinal de respeito à religião e também uma maneira de cultivar uma atitude modesta, sem incitar a cobiça de quem está fora.

Ines249

Ines249

Ines249

Do lado de dentro, a propriedade construída durante 5 anos como um sonho pessoal do Rei Mohammed VI para celebrar a arte, a história e a arquitetura marroquinas ocupa exuberantes 5 hectares. É uma vastidão projetada pelos escritórios OBMI, dos Estados Unidos, e Axe International, do Marrocos, com decoração do 3BIS Architecture Intérieure, da França. Mas os verdadeiros responsáveis pela beleza do hotel são anônimos: cerca de 1.500 artesãos locais que decoraram minuciosamente cada cantinho. Os trabalhos não são assinados — no Islamismo, apenas Deus é o criador e reclamar a autoria de uma obra poderia ser considerado arrogância. O acabamento e o capricho são mesmo divinos, mas mantêm um admirável toque humano. As pequenas imperfeições são celebradas para nos lembrar que nada ali é feito por uma máquina.

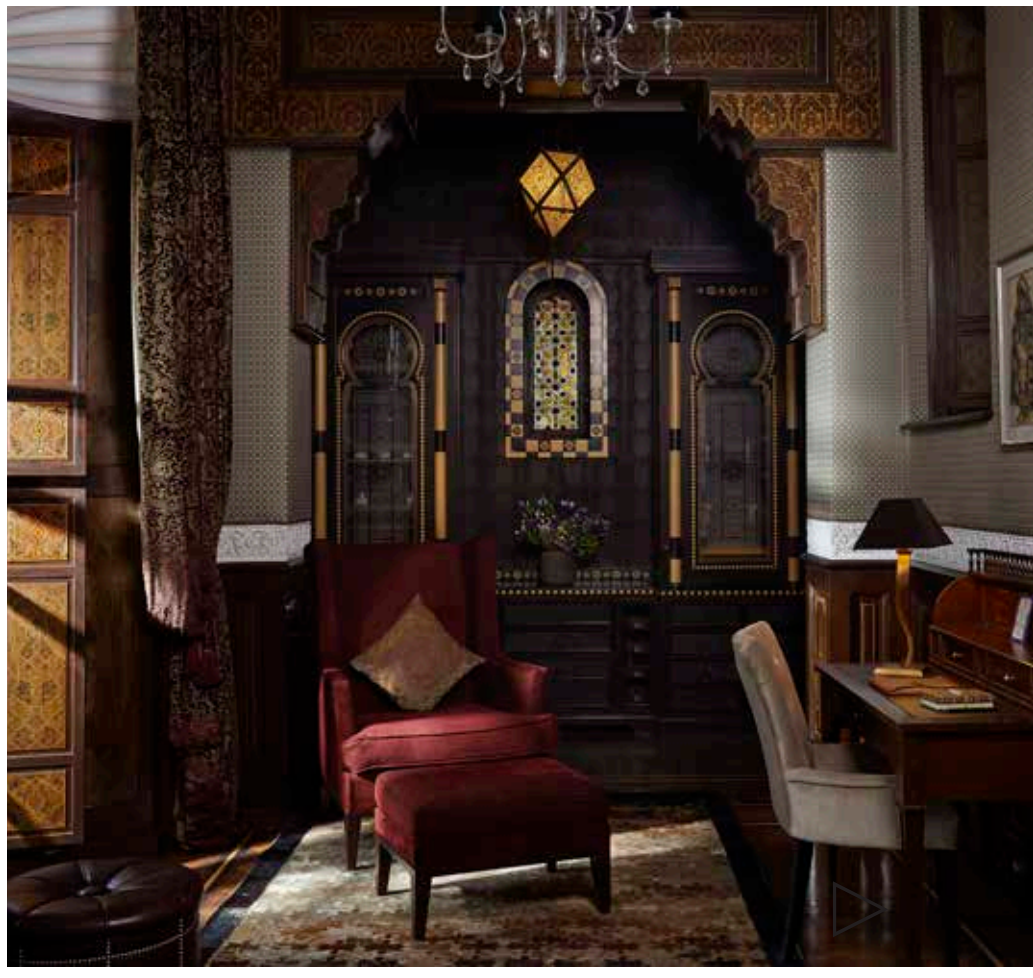
Ines249

Não há quartos e suítes convencionais no Royal Mansour Marrakech. Os longos corredores foram substituídos por ruelas que levam aos *riads*, termo que originalmente designa esse pátio interno das casas e que passou a ser usado como sinônimo dos próprios palacetes de três andares que recebem o hóspede.

Ines249

São 53 *riads* de estrutura similar: no térreo, um pátio privado com uma fonte e depois uma confortável sala de estar, onde uma garrafa de *champagne* Ruinart no balde de gelo, tâmaras, nozes e frutas frescas dão as boas-vindas. Subindo as escadas, o quarto principal e o banheiro, repleto de *amenities* (o óleo de banho e o demaquilante da marca de cosméticos marocMaroc são incríveis).

Ines249



No *rooftop*, uma piscina particular e espreguiçadeiras para lembrar que a vida pode ter outro ritmo. O *riad* superior tem 140 m² e o *premier riad*, 175 m², ambos com um quarto. Com dois quartos, o *riad privilege* tem 430 m².

Ines249

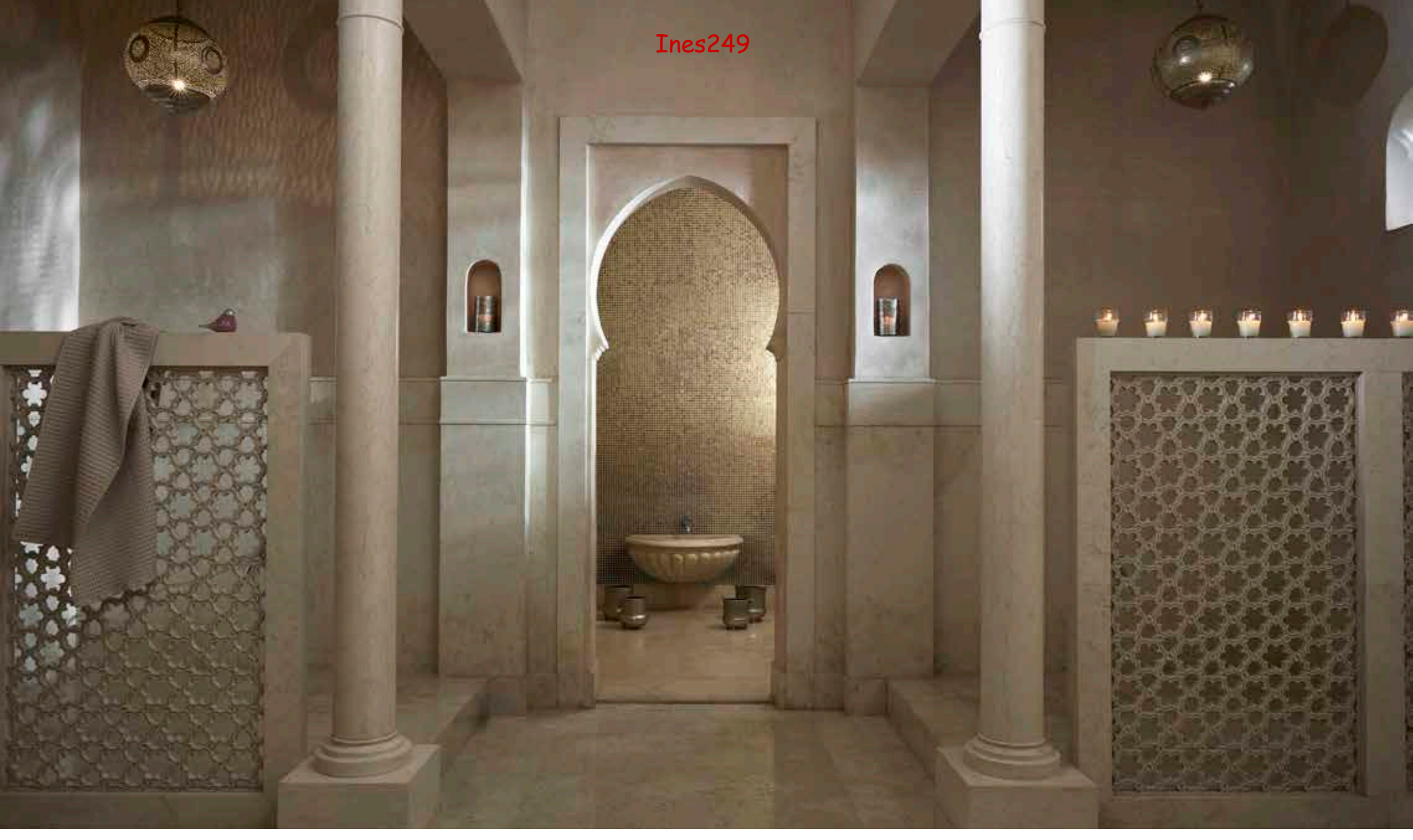
Comprovando que o alto luxo marroquino não aprecia limites, há ainda o *riad prestige*, de três quartos e 850 m², e o *grand riad*, de quatro quartos e 1.800 m², normalmente reservado para chefes de estado (ou amigos do rei, já que estamos numa propriedade real).

Ines249

Para conseguir dar destaque a todos os detalhes da decoração e não cansar os olhos com tanta informação, o equilíbrio impera. Nos restaurantes, como o de alta gastronomia marroquina La Grande Table Marocaine e o francês La Grande Brasserie, com menus assinados pela chef Hélène Darroze (sim, a chef que soma seis estrelas Michelin em seus restaurantes), as cores terrosas dominam o ambiente. Já nos 2.500 m² do Spa Royal Mansour Marrakech, o branco dá o tom.

Ines249

Ines249



A entrada de luz natural abundante passa pelo entrelaçamento das paredes de ferro, projetadas como mandalas ao estilo mourisco, e desfaz qualquer tensão. O mesmo acontece com quem experimenta um dos tratamentos oferecidos no spa. Terapeutas experientes assinam algumas das terapias holísticas, mas nenhuma experiência traduz melhor a tradição marroquina que o *hammam*.

Como numa cerimônia de purificação, o hóspede se deita numa sala de mármore branco deliciosamente aquecido e recebe um banho transformador. O calor do ambiente ajuda a abrir os poros da pele, que é massageada com óleos e depois esfoliada com firmeza, mas sem brutalidade. Depois de receber muitos baldes de água morna no corpo todo, você é convidado a tomar uma ducha e mergulhar na piscina aquecida. Para integrar a experiência, há um cômodo só para degustar um chá e descansar sobre as almofadas protegidas por um *moucharabieh* de madeira entalhada.

▷

Ines249

Antes de deixar os limites do hotel e mergulhar na bagunça de sons e estímulos da praça Jemaa El Fna, ponto central da cidade, a uma breve caminhada de distância, são os jardins projetados pelo paisagista espanhol Luis Vallejo que abraçam o visitante com suas palmeiras e oliveiras centenárias, entre outras espécies. Elas guardam por debaixo delas, no subsolo, uma rede de túneis secretos por onde os mais de 700 funcionários circulam para atender os hóspedes com maior discrição. Mora aí o mistério da hospitalidade que nos leva para o céu: nas pessoas que nos atendem e carregam a história daquela terra. C

Ines249

LEIA MAIS EM

CASACLAUDIA

CASA.ABRIL.COM.BR